Filebo (o prazer, a vida boa)

PLATÃO

Filebo (o prazer, a vida boa)

PLATÃO

Filebo (o prazer, a vida boa)

PLATÃO

Versão eletrônica do diálogo platônico "Filebo"
Tradução: Carlos Alberto Nunes
Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia)
Homepage do grupo: http://br.egroups.com/group/acropolis/

FILEBO

1 - Sócrates - Então vê, Protarco, em que consiste a tese de Filebo, cuja defesa vais fazer, e também a nossa, que terás de contestar, no caso de não a aprovares. Queres que recapitulemos as duas?

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - Ora bem: o que Filebo afirma, é que, para todos os seres animados, o bem consiste no prazer e no deleite, e tudo o mais do mesmo gênero. De nossa parte, defendemos o princípio de que talvez não seja nada disso, mas que o saber, a inteligência, a memória e tudo o que lhes for aparentado, como a opinião certa e o raciocínio verdadeiro, são melhores e de mais valor que o prazer, para quantos forem capazes de participar deles, e que essa participação é o que há de mais vantajoso pode haver para os seres em universal, presentes e futuros. Não foram esses pontos, Filebo, mais ou menos, que cada um de nós defendeu?

Filebo - Isso mesmo, Sócrates; sem tirar nem pôr.

Sócrates - E agora, Protarco, aceitas amparar a tese que te confiamos?

Protarco - Sou obrigado a aceitar, uma vez que o belo Filebo já cansou.

Sócrates - Por todos os meios, haveremos de atingir a verdade nesse terreno.

Protarco - Sem dúvida.

II - Sócrates - Muito bem; acrescentemos ao que ficou dito mais o seguinte.

Protarco - Que será?

Sócrates - A partir deste momento, cada um de nós se esforçará por demonstrar qual é o estado e a disposição da alma capaz de proporcionar vida feliz aos homens. Não é isso mesmo?

Protarco - Exato.

Sócrates - Então, compete a vós ambos demonstrar que é o prazer; e a mim, a sabedoria.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - E se descobrirmos outro estado, superior a esses? No caso de revelar-se mais aparentado com o prazer, não será certeza ficarmos ambos vencidos pela vida reforçada com essa vantagem, mas que a vida do prazer levará a melhor, com relação a da sabedoria.?

Protarco - Isso mesmo.

Sócrates - E se tiver maior afinidade com a sabedoria, esta é que vencerá o prazer, que acabará derrotado. Admites também esse ponto, ou não?

Protarco - Eu, pelo menos, admito.

Sócrates - E tu, Filebo, o que me dizes?

Filebo - De meu lado, sou de opinião que, de todo o jeito, o prazer sairá vencedor; mas a ti, Protarco, é que compete decidir.

Protarco - Desde que nos transferiste a discussão, Filebo, perdeste o direito de concordar com Sócrates ou divergir dele.

Filebo - Tens razão; e assim, daqui em diante considero- me desobrigado de responder, para o que invoco o testemunho da própria deusa.

Protarco - Nós, também, juntamos ao teu o nosso testemunho, com respeito a essa declaração. E agora, Sócrates, quer Filebo concorde, quer faça o que entender, procuremos desenvolver nossos argumentos até o fim.

III - Sócrates - Sim, façamos isso mesmo, a começar pela própria divindade que, segundo Filebo, se chama Afrodite, mas cujo verdadeiro nome é Prazer.

Protarco - Certíssimo.

Sócrates - Não é humano, Protarco, o medo que sempre revelo, com respeito aos nomes do Deuses; excede a toda espécie de temor; foi por isso que eu designei Afrodite da maneira mais do seu agrado. Quanto ao prazer, sei muito bem que é vário e múltiplo; e, uma vez que vamos começar por ele, conforme declaramos, compete-nos estudar, desde logo, sua natureza. Quando o ouvimos designar, parece único e muito simples; mas, em verdade, assume as mais variadas formas, que, de certo jeito, são totalmente dissemelhantes entre si. Atende ao seguinte: dizemos que o indivíduo intemperante sente prazer, como afirmamos a mesma coisa do temperante, pelo fato de ser temperante, e também do insensato repleto de opiniões e de esperanças loucas, e do próprio

sábio, por ser este o que é, realmente: sábio. Ora, quem afirmasse que são iguais essas duas espécies de prazer, com todo o direito não poderíamos apodá-lo de irracional?

Protarco - Esse prazeres, Sócrates, provêm de coisas opostas; mas em si mesmos não são opostos. Como, no meio de tudo, um prazer não haverá de assemelhar a outro, vale a dizer: a si mesmo?

Sócrates - A esse modo, meu caro, também as cores se parecem, pelo menos como cores; em nada distinguem umas das outras. Mas, todos nós sabemos, não apenas que o preto difere do branco, como é precisamente o seu oposto. O mesmo passa com as figuras que, como gênero, constituem um todo; mas as espécies não somente se opõem umas às outras, como são variáveis ao infinito. Fora fácil apontar muitos exemplos nas mesmas condições. Não confies, pois, num argumento que reduz à unidade tantos opostos. Tenho minhas suspeitas de que haveremos de encontrar prazeres que se opõem entre si.

Protarco - É possível; mas, com isso, em que sairia prejudicada nossa argumentação?

Sócrates - Por designá-los, é o que diremos, a todos por um nome, apenas, quando, em verdade, são dissemelhantes. Com efeito, afirmas que todas as coisas agradáveis são boas. Ora, ninguém contesta que as coisas agradáveis não sejam agradáveis; mas, sendo poucas as boas, de todas dizes que são boas, muito embora, quando premido pelos argumentos, conceda que são dissemelhantes. Que há de comum nas coisas boas e nas más, para dizeres que todo prazer é bom?

Protarco - Que me dizes Sócrates? Acreditas mesmos, que, depois de haver admitido que o prazer é bom, haja quem possa aceitar tua assertiva, de que alguns prazeres são bons e outros são ruins?

Sócrates - Porém hás concordar que muitos são dissemelhantes entre si, e alguns até mesmo opostos.

Protarco - Como prazeres, não.

Sócrates - Assim Protarco, voltamos a incidir no argumento anterior, para dizer não apenas que um prazer não difere do outro, mas que todos são semelhantes. Os argumentos aduzidos até o presente não nos fazem a menor mossa, e passaremos a agir e a argumentar como indivíduos ineptos e de todo inexperiente nesse tipo de argumentação.

Protarco - Que pretendes dizer com isso?

Sócrates - É que, se eu quisesse defender-me à tua maneira, iria a ponto de afirmar que a coisa mais dissemelhante é a que mais se assemelha com as que

ela menos se parece, bastando para isso argumentar como fizeste, como o que nos mostraríamos mais inexperientes do que convém, e nossa discussão se evaporaria de todo. Obriguemo-la, pois, a voltar atrás; se retomarmos os mesmos princípios, talvez cheguemos a um acordo.

Protarco - Como será, então?

IV- Sócrates - Admite agora, Protarco, que eu passo a interrogar por ti.

Protarco - A respeito de que?

Sócrates - A sabedoria, o conhecimento e a inteligência, e tudo mais que no começo incluí na categoria dos bens, quando me perguntastes o que era o bem, não estarão no mesmo caso do prazer?

Protarco - Como assim?

Sócrates - Englobadamente considerados, os conhecimentos nos parecerão múltiplos e diferentes do outros. E na hipótese de alguns se revelarem opostos entre si, mostrar-me-ia à altura de nosso debate, se, de medo de chegar a essa comclusão, declarasse que nenhum conhecimento difere de outro. Não acabaria aí mesmo nosso discurso, à maneira de uma fábula, só nos restando, para salvar-nos o recurso de alguma escapatória inepta?

Protarco - Porém isso não acontecerá de jeito nenhum, tirante o recurso salvador. A grada- me o pé de igualdade em que se encontram nossos argumentos: são inúmeros e dissemelhantes os prazeres, como são múltiplos os conhecimentos e em todo o ponto diferentes.

Sócrates - Então, Protarco, não ocultemos a diferença existente entre meu bem e o teu; ao contrário: tenhamos a coragem de trazê - los para o meio da discussão. É possível que, a um exame mais atento, eles permitam concluir se o bem é prazer ou conhecimento ou algo diferente de ambos. É fora de dúvida que não nos pusemos a discutir com o propósito preestabelecido de dar ganho de causa ao meu ou ao teu ponto de vista. O que importa a nós dois é batermo-nos a favor do princípio mais consentâneo com a verdade.

Protarco - Sem dúvida.

V - Sócrates - Então, fortifiquemos mais ainda nosso princípio, por meio de um acordo mútuo.

Protarco - Que princípio?

Sócrates - Aquele que dá trabalho a todos os homens, quer queiram quer não queiram.

Protarco - Sê mais claro.

Sócrates - Refiro-me ao princípio em que tropeçamos neste momento, de natureza maravilhosa, pois é maravilha dizer-se que o uno é múltiplo, e o múltiplo, um, sendo muito fácil contestar quem só defender uma dessas posições.

Protarco - Imaginas, sem dúvida, o exemplo de alguém afirmar que eu, como Protarco, sou uno por natureza e, ao mesmo tempo, múltiplo e contraditório em mim mesmo, por poder considerar-me essa pessoa como grande ou pequeno, pesado ou leve e de mil modos diferentes.

Sócrates - O que disseste, Protarco, é o que todo o mundo fala a respeito dessas esquisitices do uno e do múltiplo, declarando-se todos de acordo, por assim dizer, em que não devemos tocar nesse tema pueril e fácil demais, que só atrapalharia nosso debate. O mesmo aconteceria na seguinte situação, se alguém, por exemplo, separasse em pensamento os membros e as partes determinada coisa e chegasse á a conclusão de que todos esses segmentos são essa coisa única, para, logo depois, rir de si mesmo e refutar-se, por ter sido obrigado a enunciar uma posição monstruosa, com afirmar que o uno é múltiplo e infinito, e o múltiplo não é mais do que um.

Protarco - Mas, quais são as outras maravilhas, Sócrates, a que te referiste, desse mesmo princípio, que nem são de aceitação geral nem familiares do público?

Sócrates - Menino, é quando alguém considera como unidades as coisas que nem nascem nem perecem, tal como nos exemplos que acabamos de mencionar. Esses casos tipos de unidade, conforme agora mesmo declaramos, por consenso geral não devem ser examinados. Mas quando se assevera que o homem é um, ou o boi é um, ou o belo é um, ou o bem é um: é acerca dessas unidades e de outras semelhantes que o grande interesse por todas despertadas suscita facilmente divisões e controvérsias.

Protarco - Como assim?

Sócrates - Inicialmente, quando aceitamos que essas unidades existem de fato; de seguida como devemos compreender que cada uma delas, com ser sempre a mesma e não admitir nem geração nem descrição, não continue sendo o que é mesmo: unidade. Por último, se devemos admitir que, nas coisas submetidas à geração, de número infinito, essa unidade se dispersa e fica múltipla, ou se se conserva inteira e fora de si mesma, o que se nos afigura o maior dos absurdos, pois, sendo a mesma e una, encontrar-se-ia concomitantemente no uno e no múltiplo. São esses aspectos do uno e do múltiplo, Protarco, não os outros, quem nos criam toda sorte de dificuldades, quando são considerados sob perspectiva defeituosa, ao passo que tudo corre às mil maravilhas na hipótese contrária.

Protarco - Então, Sócrates, trabalhemos desde já na solução desse problema.

Sócrates - É também o que eu penso.

Protarco - Podes ficar certo de que todos os presentes compartilham tua maneira de pensar. Quanto ao nosso Filebo, é melhor não mexer com quem dorme sossegado.

VI - Sócrates - Ora bem! E como iniciaremos esse debate tão grande e complicado, acerca da tese em discussão? Assim ficará bem?

Protarco - De que jeito?

Sócrates - Dizemos que o Mesmo, como uno e como múltiplo, é identificado pelo pensamento e que circula, agora e sempre, por tudo o que falamos. Semelhante fato não é de hoje nem nunca deixará de existir; trata-se, segundo creio, de uma propriedade inerente ao nosso pensamento, e que jamais envelhece. O jovem que com ele se depara pela primeira vez, exulta como se tivesse achado algum tesouro de sabedoria; no entusiasmo de seu contentamento, não há tema em que ele não mexa, ora enrolando o múltiplo num só, ora desenrolando-o e subdividindo- o, com o que apresta, desde o início, a si próprio, as maiores confusões e a quantos dele se aproximem, ou seja moço ou velho ou da mesma idade que ele, sem poupar pai nem mãe nem seus ouvintes; sim, nem mesmos os animais - pois não me refiro apenas aos homens - nem aos bárbaros uma vez que conseguisse intérprete apropriado.

Protarco - Como, Sócrates! Não vês quantos somos e, ainda por cima jovens? Não receias que nos juntemos a Filebo para atacar-te, no caso de nos ofenderes? Compreendo o que queres dizer; se houver maneira de afastar devagarinho tanta desordem de nossa discussão e de encontrar um caminho melhor que vá dar em nosso argumento, procuraremos acompanhar-te na medida de nossas forças. Nosso tema, Sócrates, não é de importância secundária.

Sócrates - Meninos, o caminho recomendado por Filebo não existe. Não há nem pode haver caminho mais belo do que o que eu sempre amei, mas que perco mui freqüentemente, ficando sempre na maior perplexidade.

Protarco - Qual é? Basta que o menciones.

Sócrates - Indicá-lo é fácil; difícil acima de tudo é percorrê-lo. Foi graças a esse método que se descobriu tudo o que se diz a respeito às artes. Considera o seguinte.

Protarco - Podes falar.

Sócrates - Até onde o compreendo, trata-se de um dádiva dos deuses para os homens, jogada aqui para baixo por intermediário de algum Prometeu,

juntamente com um fogo de muito brilho. Os antigos, que eram melhores do que nós e viviam mais perto dos deuses, nos conservaram essa tradição: que tudo o que se diz existir provém do uno e do múltiplo e traz consigo, por natureza, o finito e o infinito. Uma vez que tudo está coordenado dessa maneira, precisamos procurar em todas coisas sua idéia peculiar, pois sem dúvida nenhuma a encontraremos. Depois dessa primeira idéia, teremos de procurar mais duas, se houver duas, ou mais três, ou qualquer outro número, procedendo assim com todas, até chegarmos a saber não apenas que a unidade primitiva é una e múltipla e infinita, como também quantas espécies ela contém. Não devemos aplicar a pluralidade a idéia do infinito sem primeiro precisar quantos números ela abrange, desde o infinito até à unidade; só então soltaremos a unidade de cada coisa, para que se perca livremente no infinito. Conforme disse, foram os deuses que nos mimosearam com essa arte de investigar e aprender e de nos instruirmos uns com os outros. Mas os sábios de nosso tempo assentam ao acaso o uno e o múltiplo com mais pressa ou lentidão do que fora necessário, saltando indevidamente da unidade para o infinito, com o que lhes escapam os números intermediários. Esse, o caráter fundamental que permite distinguir se em nossas discussões procedemos como verdadeiros dialéticos ou como simples disputadores.

VII - Protarco - Parte do que disseste, Sócrates, me parece inteligível; mas acerca de alguns pontos ainda necessito de esclarecimentos.

Sócrates - O que eu digo, Protarco, ficará bastante claro se o aplicares às letras do alfabeto, conforme as aprendeste quando menino.

Protarco - Como assim?

Sócrates - Una é a voz que nos sai da boca e, ao mesmo tempo, de infinita multiplicidade para cada um de nós - Sem dúvida.

Protarco - Certíssimo.

Sócrates - A mesma coisa faz o músico.

Protarco - Como assim?

Sócrates - Em relação com a arte da música, a voz é una em si mesma.

Protarco - Exato.

Sócrates - Reconheçamos, então, que há dois sons: o grave e o agudo, e mais o terceiro: o médio.

Protarco - Isso mesmo.

Sócrates - Porém não conhecerás música, se souberes apenas isso; como será

o mesmo que nada, por assim dizer, o que souberes desse domínio se o ignorares.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Mas, meu caro amigo, quando estudares os intervalos dos sons, o número e a natureza dos agudos e dos graves, os limites dos intervalos e todas as combinações possíveis, descobertas por nossos pais, que no-las transmitiram, como a seus descendentes, sob a denominação de harmonias, bem como as operações congêneres que vamos encontrar nos movimentos dos corpos e que, interpretadas pelos números, como diziam, receberam o nome de ritmo e medida, e considerares que o mesmo princípio terá de ser aplicado a tudo que é uno e múltiplo: quando houveres aprendido tudo isso, então, e só então, chegarás a ser sábio, e quando examinares às luzes desse mesmo princípio seja a unidade que for, tornar-te-ás sábio com relação a ela. Mas a infinitude dos indivíduos e a multidão que se encontra em cada um dificultam sobremodo sua compreensão e te impedem de ser considerado como entendido na matéria, por nunca te deteres no número de nenhuma coisa.

VIII - Protarco - Parece-me, Filebo, muito claro o que Sócrates acabou de expor.

Filebo - É também o que eu penso. Mas, por que nos fez toda essa exposição e aonde ele quer chegar?

Sócrates - Filebo tem razão, Protarco, de fazer-nos essa pergunta.

Protarco - Sem dúvida, dá-lhe, então, a resposta adequada.

Sócrates - É o que farei; mas, só depois de apresentar uma pequena observação. O que eu digo é que quando tomamos qualquer unidade, não devemos olhar de imediato para a natureza do infinito, mas para algum número; e o contrário disso; sempre que formos obrigado a começar pelo infinito, nunca saltemos imediatamente para a unidade; esforcemo -nos, isso sim, para alcançar um número que em cada caso represente certa pluralidade, para chegar à unidade depois de passar pelo todo. Retomemos o exemplo anterior, das letras.

Protarco - De que jeito?

Sócrates - Observando que a voz humana era infinita, certa divindade, porventura, ou fosse algum homem divino, conforme dizem no Egito com relação a um certo Teute, separou, de início, dessa infinitude uma tantas vogais, não uma, simplesmente, muitas, e depois outras letras que, serem vogais, participam de algum som, e também em número apreciável. Por fim, distinguiu uma terceira variedade de letras a que hoje damos o nome de mudas. De seguida, apartou as letras que não tem som nem voz, até individualizar uma por uma, procedendo da mesma forma com as outras duas classes, das vogais e das semivogais, e assim, depois de dominá-las em sua totalidade, deu a cada uma e a

todas em conjunto o nome de elementos. E como houvesse percebido que nenhum de nós consegue aprender uma letra sem aprender todas, considerou como unidade esse elo de ligação, a que deu o nome de gramática, como arte perfeitamente individualizada.

Filebo - Compreendi isso agora, Protarco, com mais facilidade do que o precedente. Mas tanto nessa parte como na outra ainda me falta uma coisinha de nada.

Sócrates - Porventura, Filebo, será a relação entre isso e o tema principal?

Filebo - Exato; é justamente o que eu e Protarco procuramos.

Sócrates - Em verdade, já encontrastes o que procuráveis; contudo, insistes em dizer que ainda vos esforçais nesse sentido.

Filebo - Como assim?

IX - Sócrates - Não era do prazer e da sabedoria que tratava nossa discussão inicial, para saber qual dos dois devemos preferir?

Filebo - Isso mesmo.

Sócrates - Como também qualificamos cada um deles como unidade.

Filebo - Perfeitamente.

Sócrates - Pois é precisamente esse o problema que a discussão anterior nos patenteia: como cada um deles pode ser, ao mesmo tempo, um e múltiplo e não imediatamente infinito, por abrangerem ambos um determinado número, antes de alcançarem o infinito?

Protarco - Não é nada fácil, Filebo, a questão com que Sócrates nos obrigou - e com que habilidade! - a rodar no mesmo ponto. Considera agora qual de nós deve responder a essa pergunta. Talvez seja algum tanto ridículo, depois de eu haver assumido em teu lugar a responsabilidade da discussão, atribuir-te semelhante incumbência, pela impossibilidade em que me encontro para resolver a questão. Porém mais ridículo, ainda, me parece não ser nenhum de nós capaz de resolvê-la. Considera como devemos proceder. A meu ver, o que Sócrates nos pergunta neste momento, acerca dos prazeres, é se não há espécies diferentes, seu número e natureza. O mesmo vale com respeito à sabedoria.

Sócrates - É isso, precisamente, filho de Cálias; se não soubermos resolver essas questões a respeito de tudo o que é um ou igual ou sempre o mesmo, e também de seus contrários, conforme o demonstrou a discussão precedente, em nenhum tempo algum de nós revelará préstimo seja no que for.

Protarco - Quer parecer-me, Sócrates, que estás com a razão. Se para o sábio é belo conhecer tudo, o segundo roteiro de navegação será não desconhecer a si mesmo. E porque me desconhecer a si mesmo. E porque me expresso dessa maneira na presente conjuntura? E o que passarei a explicar. Partiu de ti, Sócrates, a idéia da presente discussão, quando te prontificaste a determinar qual seja para o homem o melhor bem, Havendo afirmado Filebo que era o prazer, as diversões, a alegria e tudo o mais do mesmo gênero, contestaste- lhe a assertiva e disseste que não era nada daquilo, mas o que tantas vezes, de intento, revocamos à memória - no que estávamos certos - para tê- los a ambos bem gravados em nossa retentiva. Ao que me parece, de teu lado afirmas que o bem merecedor de ser proclamado superior ao prazer é a mente, o conhecimento, a inteligência, a arte e tudo o que lhe for aparentado, sendo esses, justamente, os bens que precisamos adquirir, não os outros. Como tais convicções foram defendidas com calor, ameaçamos-te em tom de brincadeira, não permitir que voltasses para casa sem levarmos a discussão a um fim satisfatório. Declaraste-te de acordo e te puseste à nossa disposição. Por isso, diremos como as crianças: Presente dado não se toma a tomar. Pára, por conseguinte com esse sestro de te opores a tudo o que afirmamos.

Sócrates - Que queres dizer com isso?

Protarco - Que nos apertar demais com perguntas a que não podemos responder satisfatoriamente nas presentes circunstâncias. Não podemos admitir, em absoluto, que a discussão se encerre com tanta perplexidade, e se nos declaramos incapazes de fazê-la progredir, a ti compete movimentá-la, pois prometeste que assim farias. Decide, então, se te convém dividir o prazer e o conhecimento em suas respectivas espécies, ou afastar, de pronto, semelhante idéia, dada a hipótese de te considerares com disposição e capacidade para esclarecer de outra maneira o tema em discussão.

Sócrates - Depois do que acabas de expor, não abrigo o menor receio de vir a sofrer violência; a expressão Se te considerares com disposição e capacidade, neutraliza qualquer temor a esse respeito. Além do mais, quer parecerme que alguma divindade me faz lembrar certas coisas.

Protarco - Como assim? Que coisas serão?

X - Sócrates - Ocorre-me neste momento uma velha frase que eu teria ouvido em sonhos ou acordado, acerca do prazer e da sabedoria, sobre não ser o bem nenhum dos dois, mas uma terceira coisa, diferente daqueles e melhor do que ambos. Se for possível, esclarecer esse ponto, fica liquidada, de uma vez, a vitória do prazer, pois o bem não poderá identificar-se com ele. Não é mesmo?

Protarco - Exato.

Sócrates - Como ficaremos dispensadas de dividir o prazer em suas espécies.

É assim que eu penso, o que se tornará cada vez mais evidente, à medida que avançarmos na explicação do tema.

Protarco - Ótimo esclarecimento; prossegue nessas mesmas bases.

Sócrates - Porém antes ponhamo-nos de acordo acerca de uns pontinhos secundários.

Protarco - Quais serão?

Sócrates - É de necessidade forçosa que a natureza do bem seja perfeita? Ou será imperfeita?

Protarco - Terá de ser o que há de mais perfeito, Sócrates.

Sócrates - E agora, o bem é suficiente?

Protarco - Como não? Nesse particular, exatamente, é que ele ultrapassa tudo o mais.

Sócrates - Como também devemos afirmar, segundo penso, com absoluta convicção, que todo ser dotado de discernimento o procura e se esforça por adquiri-lo em definitivo, sem preocupar-se de nada destituído de qualquer conexão com o bem.

Protarco - Contra isso não há objeção possível.

Sócrates - Examinemos, então, e julguemos a vida do prazer e as sabedoria, tomando cada uma em separado.

Protarco - Que queres dizer com isso?

Sócrates - Não admitamos nenhuma sabedoria na vida do prazer nem prazer na da sabedoria. Se um dos dois for o bem, não necessitará de mais nada, e se qualquer deles se revelar como carecente de algo, só por isso não poderá ser considerado o verdadeiro bem,.

Protarco - Como fora possível?

Sócrates - Permites que façamos essa experiência contigo?

Protarco - Perfeitamente;

Sócrates - Então, responde.

Protarco - Podes falar.

Sócrates - Aceitarias, Protarco, passar a vida inteira no gozo dos maiores

prazeres?

Protarco - Por que não?

Sócrates - E achas que ainda te faltaria alguma coisa, se contasses com prazeres em abundãncia?

Protarco - Em absoluto.

Sócrates - Reflete melhor. Não precisarias pensar, compreender e calcular o que te faltasse, juntamente com seus cognatos? Não virias a precisar de nada?

Protarco - Para quê? Com o prazer, teria tudo.

Sócrates - Vivendo desse jeito, desfrutarias, a vida inteira, dos maiores prazeres.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Mas, para começar, sem inteligência nem memória nem conhecimento nem opinião verdadeira, forçosamente não poderias saber se desfruta ou não de algum prazer, já que serias inteiramente falto de discernimento.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Da mesma forma, desprovido de memória, é claro que não apenas não poderias recordar-te de que havias tido algum prazer, como também passaria sem deixar rastro algum o prazer do momento presente, Outrossim, carecente de opinião verdadeira, nunca poderias dizer que sentias prazer no instante em que o sentisses, e como és carecente de reflexão, não poderias calcular os prazeres que o futuro te ensejasse. Não seria vida de gente, mas de algum pulmão marinho, ou desses animais do mar provido de conchas. Será assim mesmo, ou precisamos fazer do caso idéia diferente?

Protarco - Como fora possível?

Sócrates - E tal vida seria aceitável?

Protarco - Tua argumentação, Sócrates, me deixou sem fala.

Sócrates - Então, não amoleçamos; tomemos a vida inteligente e consideramo-la de perto.

XI - Protarco - A que vida te referes?

Sócrates - Quero saber se algum de nós aceitaria viver com sabedoria e

inteligência e conhecimento de todas as coisas e a memória de tudo o que acontecera, porém sem participar, nem muito nem pouco, do prazer ou da dor, ou seja, inteiramente insensível a tudo isso.

Protarco - Nenhum desses gêneros de vida, Sócrates, me parece aceitável, nem creio que alguém os escolhesse.

Sócrates - E dos dois reunidos, Protarco, para de sua união fazermos um terceiro?

Protarco - Referes-te a um misto de prazer com inteligência e discernimento?

Sócrates - Exatamente; uma vida assim é que imagino.

Protarco - Não há quem não escolhesse semelhante gênero de vida, de preferência a um daqueles.

Sócrates - Será que apanhamos bem a consequência irretorquível de nossa proposição?

Protarco - Perfeitamente: dos três gêneros de vida apresentados, há dois que não são nem suficientes nem desejáveis, tanto para os homens como para qualquer ser vivo.

Sócrates - E daí não se concluirá, também, com evidência meridiana, que nenhum dos dois participa do bem? Pois, do contrário, também seriam suficientes, perfeitos e desejáveis por parte das plantas e dos animais capazes de viver semelhante vida o tempo todo. E se algum de nós preferisse outra condição, sua escolha seria contrária à natureza do que é verdadeiramente desejável, e efeito involuntário da ignorância ou de alguma fatalidade perniciosa.

Protarco - Parece, mesmo, que tudo se passa dessa maneira.

Sócrates - Nesse caso, considero cabalmente demonstrado que a deusa de Filebo não pode ser confundida com o bem.

Filebo - Nem tua inteligência, Sócrates, se identificará com o bem, pois está sujeita às mesmas condições.

Sócrates - Com a minha, Filebo, é possível que isto aconteça; porém não com a inteligência ao mesmo tempo divina e verdadeira. Com essa, quero crer, as coisas se passam de outro modo. Não disputo o primeiro prêmio para a inteligência, no que entende com aquela vida mista; quanto ao segundo, precisamos ver e examinar o que será preciso fazer. Talvez eu e tu pudéssemos defender a tese de que a verdadeira causa dessa vida mista seja, respectivamente, a inteligência ou o prazer, e assim nenhum dos dois viria a ser o bem em si mesmo, restando a possibilidade de aceitarmos um deles como causa

do bem. Sobre esse ponto, sou inclinado a sustentar contra Filebo que, seja qual for o elemento presente nessa vida mista que a deixa boa e desejável, não será o prazer, mas a inteligência o que com ele apresenta com mais parecença e afinidade. Com base nestes raciocínios, podemos afirmar que, em verdade, o prazer não tem direito nem ao segundo prêmio, como está longe de merecer o terceiro, se confiardes agora em minha inteligência.

Protarco - Em verdade, Sócrates, quer parecer-me que jogaste ao chão o prazer; foi derrubado pelo teu último argumento: sucumbiu na disputa pelo primeiro prêmio. Quanto à inteligência, precisamos reconhecer sua superioridade nisto de não haver disputado a vitória; se o fizesse, teria sofrido igual revés. Mas, se o prazer for privado também do segundo prêmio, cairá bastante no conceito de seus aficcionados, que nem mesmo encontrariam nele sua beleza primitiva.

Sócrates - E agora? Não será melhor deixá-lo em paz, sem fazê-lo sofrer com nossa crítica rigorosa, para confundi-lo de todo?

Protarco - O que dissestes é o mesmo que nada, Sócrates.

Sócrates - Porque figurei um impossível, nisso de causar dor ao prazer?

Protarco - Não apenas por isso, mas por não levares em consideração que nenhum de nós te deixará sair antes de nos expores todas as implicações desse argumento.

Sócrates - Pelos deuses, Protarco! Que longo discurso temos pela frente, justamente agora, e nada fácil de enunciar. Tudo indica que nesta marcha para a conquista do segundo prêmio em benefício da inteligência, precisaremos lançar mão de armas diferentes das empregadas nos discursos anteriores. Mas talvez algumas ainda possam ser aproveitadas. Convirá prosseguir?

Protarco - Como não?

XII - Sócrates - Usemos de maior cautela no preparo de nossos alicerces.

Protarco - A que te referes?

Sócrates - Dividamos em duas classes tudo o que existe no mundo; ou melhor, se o preferires, em três.

Protarco - E o critério, não quererás dizê-lo?

Sócrates - Aceitemos algumas de nossas conclusões anteriores;

Protarco - Quais?

Sócrates - Dissemos que Deus revelou nas coisas existentes um elemento finito e outro infinito.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - Formemos com esses elementos duas classes, vindo a ser a terceira o resultado da mistura de ambas. Mas receio muito que me tome por demais ridículo com essa divisão por espécies e com a maneira de enumerá-las.

Protarco - Que queres dizer com isso, meu caro?

Sócrates - Tudo indica que vou precisar de um quarto gênero.

Protarco - Dize qual seja.

Sócrates - Considera a causa da mistura recíproca dos dois primeiros e acrescenta-a ao conjunto dos três, para formamos o quarto gênero.

Protarco - E não viríamos, depois, a necessidade de um quinto, como fator de sua separação?

Sócrates - Talvez; porém não agora, segundo creio. Todavia, se for preciso, hás de permitir que eu saia à procura de mais esse.

Protarco - Por que não?

Sócrates - Para começar, desses quatro separemos três, e depois de anotar que dois deles são altamente dissociados, e de reduzi-los à unidade, observemos como cada um deles pode ser ao mesmo tempo uno e múltiplo.

Protarco - Se me explicasses esse ponto com maior clareza, decerto me fora possível acompanhar-te.

Sócrates - O que eu digo é que os dois gêneros por mim propostos são os mencionados há pouco, a saber: o finito e o infinito. Primeiro vou tentar demonstrar-te que, em certo sentido, o infinito é múltiplo. O limitado pode esperar um pouco mais.

Protarco - Espera, por que não?

Sócrates - Presta atenção. Além de difícil, é bastante controverso o que te convido a considerar; e contudo, considera-o. Começa experimentando se és capaz de determinar limite no mais quente e no mais frio, e se o mais e o menos que residem nesses gêneros não os impedem de ter fim enquanto residirem neles; pois, uma vez chegados ao fim, o mais e o menos também deixarão de existir.

Protarco - Muitíssimo certo.

Sócrates - Porém sempre haverá, é o que afirmamos, mais e menos no que for mais quente e mais frio.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Assim, nosso argumento demonstrar que esses dois gêneros não tem fim; e não tendo fim, de todo jeito serão infinitos.

Protarco - Argumento muito forte, Sócrates.

Sócrates - Apreendeste admiravelmente bem a questão, amigo Protarco, e me fazes lembrado de que tanto o Muito forte anunciado por ti agora mesmo como o Muito fraco apresentam virtude idêntica ao do Mais e do Menos; onde quer que se encontrem, não permitem a coexistência de uma quantidade definida; pelo fato de introduzirem graus em todas as ações, do mais forte ao mais fraco, e vice-versa, determinam o mais e o menos e contribuem para que desapareça a quantidade definida. Porque, conforme, explicamos agora mesmo, se eles não excluíssem a quantidade definida e, juntamente com a medida, a deixassem entrar na esfera do mais e do menos, do forte e do fraco, perderiam o lugar que lhes é próprio: deixariam de ser mais quentes ou mais frios, uma vez que aceitassem a quantidade definida. O mais quente não pára de avançar, sem nunca estacionar no mesmo ponto, o mesmo acontecendo com o mais frio, ao passo que a quantidade definida é fixa e desaparece logo que se desloca. De acordo com esse argumento, o mais quente é infinito, e também o seu contrário.

Protarco - Parece que é assim mesmo, Sócrates, mas, conforme o declaraste, é difícil acompanhar teu raciocínio. Todavia, se voltassem mais vezes a tratar do assunto, é possível que o interrogador e o interrogado cheguem a uma conclusão aceitável.

Sócrates - Ótima observação; experimentemos isso mesmo. Porém vê se aceitamos a seguinte particularidade, como característica da natureza do infinito, para não nos alongarmos com a enumeração de casos particulares.

Protarco - A que te referes?

Sócrates - Tudo o que vemos tornar-se maior ou menor, ou admitir o forte e o fraco e o muito, e tudo o mais do mesmo gênero, deve ser incluído na classe do infinito e reduzido à unidade, de acordo com a nossa exposição anterior, quando dissemos que era preciso tanto quanto possível, reunir as cosias separadas e assinalá-las com o selo da unidade, se é que ainda te lembras desse ponto.

Protarco - Lembro-me, como não?

Sócrates - Logo, o que não admite essas qualidades mas aceita todos os seus

contrários, a começar pelo igual e a igualdade, e depois do igual, o duplo e tudo que é número em relação ao número, e medida em relação a outra medida: se atribuirmos tudo isso ao domínio do finito, só ganharemos elogios com semelhante resolução.

Protarco - Excelente, Sócrates.

XIII - Sócrates - Muito bem. E o terceiro resultado da mistura desses dois, que idéia lhe atribuiremos?

Protarco - Espero que também me expliques esse ponto.

Sócrates - Não; um dos deuses o fará, sem dúvida, se algum deles atender às minhas súplicas.

Protarco - Suplica, então, e reflete.

Sócrates - Já refleti; e quer parecer-me, Protarco, que agora mesmo uma divindade se nos revelou propícia.

Protarco - Em que te baseias, para falares desse modo?

Sócrates - Di-lo-ei dentro de pouco; acompanha meu raciocínio.

Protarco - Podes falar.

Sócrates - Neste momento referimo-nos ao mais quente e ao mais frio. Não foi isso?

Protarco - Exato.

Sócrates - Acrescenta-lhes, também o mais seco e o mais úmido, o mais e o menos, o mais rápido e o mais lento, o maior e o menor e tudo o mais que há instantes incluímos numa só classe definida pelos conceitos do mais e do menos.

Protarco - Referes-te à classe do infinito?

Sócrates - Exato. Agora mistura-a com a família do finito.

Protarco - Que família?

Sócrates - A do finito, que há pouquinho deveríamos ter reduzido à unidade, tal como fizemos com a do infinito, mas deixamos de fazê-lo. Talvez o consigamos agora, se da reunião das duas surgir a que procuramos.

Protarco - A que classe te referes e como será isso?

Sócrates - A do igual e do duplo e toda classe que põe termo à diferença

natural dos contrários e enseja harmonia e proporção entre seus elementos, com lhes impor número.

Protarco - Compreendo. Ao que pareces, queres dizer que de cada mistura desses elementos nascem certas gerações.

Sócrates - É justamente o que eu penso.

Protarco - Então, continua.

Sócrates - Não será o caso das doenças, em que a mistura acertada desses elementos produz a saúde.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - E no agudo e no grave, no veloz e no lento, todos eles infinitos, não se dará a mesma coisa: com deixar limitados esses elementos não darão forma perfeita a toda a música.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - E com se associarem ao calor, ao frio, não lhes tira o excesso e o infinito, substituindo- os por medida e proporção?

Protarco - Como não?

Sócrates - Essa é a origem das estações e de tudo o que há de belo: a mistura do limitado com o ilimitado.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Deixo de mencionar um milhão mais de coisas, tal como a beleza e força com saúde, e também na alma, uma infinidade de qualidades excelentes. Vendo a divindade, meu caro Filebo, a arrogância e toda sorte de maldades que se originam do fato de carecerem de limites os prazeres e a gula, estabeleceu a lei e a ordem, dotadas de limite. Pretendes que ela estraga a alma; pois eu digo justamente o contrário: é o que a conserva. E tu, Protarco, como te parece?

Protarco - De inteiro acordo contigo, Sócrates.

Sócrates - Se bem observaste, aí estão as três classes a que me referi.

Protarco - Parece que compreendi. Uma delas, creio, classificas como infinita; a Segunda; como o limite das coisas existentes; porém não aprendi muito bem o que entendes pela terceira.

Sócrates - O que te deixa perplexo, meu admirável amigo, é a multidão das

coisas que ela abarca. No entanto, o infinito também apresenta muitos gêneros; mas, por trazerem todos eles o selo do mais e do menos, parecem formar apenas um.

Protarco - É verdade.

Sócrates - Quanto ao finito, não somente não contém muitas espécies, como não sentimos dificuldade alguma em admitir que constitua uma unidade natural.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - É assim mesmo. Com respeito ao terceiro, bastará aceitares que eu incluo nessa rubrica, como unidade, todos os produtos dos dois primeiros, tudo o que nasce para o ser, por efeito da medida e do limite.

Protarco - Compreendo.

XIV - Sócrates - Mas também dissemos que, além desses três gêneros, havia a considerar um quarto. Ajuda-me a pensar. Vê se te parece necessário que tudo o que devém, só se forme em virtude de determinada causa.

Protarco - Sem dúvida; pois, sem isso não poderia formar-se.

Sócrates - E também não será certo dizer-se que o conceito de que se foram não difere de sua causa, a não ser no nome, sendo lícito afirmar que o agente e a causa são uma e a mesma coisa?

Protarco - Certo.

Sócrates - Descobriremos, ainda, tal como se deu há pouco, que o que é criado e o que se forma só diferem no nome. Não é isso mesmo?

Protarco - Exato.

Sócrates - Como também será certo dizer-se que o que cria vai naturalmente na frente, seguindo-o sempre no rastro o que é criado.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - São diferentes, por conseguinte, e nunca a mesma coisa, a causa que lhe é subordinada para efeito da geração.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - E agora: todas as coisas geradas e tudo de onde elas provém não nos forneceram os três primeiros gêneros?

Protarco - Isso mesmo.

Sócrates - E o que produz essas cosias, a causa, declaramos ser o quarto, pois demonstramos à saciedade que difere dos outros.

Protarco - Difere, sem dúvida.

Sócrates - E agora, depois de havermos distinguido os quatro gêneros, só seria de vantagem enumerá-los por ordem, para mais fácil memorização deles todo.

Protarco - Isso mesmo.

Sócrates - Em primeiro lugar, designo o infinito; em segundo, o finito. Como terceiro, temos a essência composta dos dois primeiros e deles oriunda; e se apontasse como quarto a causa da mistura e da geração, cometeria alguma cincada?

Protarco - Em absoluto.

Sócrates - Ora bem. Que virá depois disso e que tínhamos em vista quando empreendemos essa digressão? Não será o seguinte: determinar se o segundo lugar caberia ao prazer ou à sabedoria? Não foi isso?

Protarco - Exato.

Sócrates - Depois de assentarmos essas distinções, talvez nos encontremos em melhores condições para formular juízo seguro acerca do primeiro e do segundo lugar, sobre o que no começo dissentimos.

Protarco - É possível.

Sócrates - Ora bem! Concedemos a palma da vitória à vida misturada de prazer e de sabedoria. Não foi isso mesmo?

Protarco - Exato.

Sócrates - Como percebemos facilmente qual seja a natureza dessa vida e a que gênero ela pertence.

Protarco - Como não?

Sócrates - Outrossim, afirmaremos, me parece, que ela faz parte do terceiro gênero; não se trata de algo resultante da mistura de dois elementos, mas da de todos os infinitos ligados pelo limite, razão de fazer parte daquele gênero essa vida vitoriosa.

Protarco - Com todo o direito.

XV - Sócrates - Vá que seja. E tua vida, Filebo, de prazer sem mistura

alguma? Em qual dos gêneros enumerados precisaremos incluí-la, para classificá-la com acerto? Mas, antes de te explicares, responde-me ao seguinte.

Filebo - Podes falar.

Sócrates - A dor e o prazer apresentam limites, ou serão suscetíveis de mais ou de menos?

Filebo - Sim, Sócrates; são suscetíveis de mais; o prazer deixaria de ser todo o bem, se não fosse infinito por natureza, em grau e em quantidade.

Sócrates - Como também a dor, Filebo, deixaria de ser todo o mal. Assim sendo, precisamos procurar algo fora da natureza do infinito que comunique aos prazeres uma parcela do bem. Concedo-te que essa qualquer coisa pertença à classe do infinito. Mas então, Protarco e Filebo, a inteligência, a sabedoria e o conhecimento, em que classe incluiremos, dentre as mencionadas há pouco, para não nos tornamos irreverentes? Não é pequeno o perigo em que incorremos, conforme resolvermos certo ou errado essa questão.

Filebo - Colocas num pedestal muito elevado, Sócrates, tua divindade favorita.

Sócrates - O mesmo fazes com a tua companheira. Mas a pergunta não pode ficar sem resposta.

Protarco - Sócrates tem razão, Filebo; precisamos obedecer-lhe.

Filebo - Não assumiste o encargo de responder no meu lugar?

Protarco - Sem dúvida; mas agora me sinto realmente atrapalhado, e te peço, Sócrates, que nos sirvas de intérprete para que não cometamos alguma falta contra nosso adversário, sob a forma de expressão mal soante.

Sócrates - Farei o que pedes, Protarco: tanto mais que não me impões nada difícil. Mas, será verdade, como disse Filebo, que eu te deixei atrapalhado, quando, por brincadeira, falei com tanta solenidade, ao perguntar-lhe a que classe pertenciam a inteligência e o conhecimento?

Protarco - Foi realmente o que se deu, Sócrates.

Sócrates - No entanto, é muito fácil. Todos os sábios estão acordes - por isso mesmo com isso se engrandecem - em que, para nós, a inteligência é a rainha do céu e da terra. E talvez tenham razão. Porém, caso queiras, investiguemos mais de espaço a que gênero ela pertence.

Protarco - Faze como entenderes, sem medo de alongar-te em demasia, pois não nos causarás enfado.

XVI - Sócrates - Muito bem. Então, principiemos com a seguinte pergunta.

Protarco - Qual será?

Sócrates - Para sabermos, Protarco, se no conjunto das coisas e nisto a que damos o nome de universo domina alguma força irracional e fortuita, ou seja o puro acaso ou o seu contrário, a mente, como diziam nossos antepassados, e uma sabedoria admirável que tudo coordena e dirige?

Protarco - São duas assertivas, meu admirável Sócrates, que se destroem mutuamente. A que acabaste de enunciar se me afigura verdadeira blasfêmia. Mas, dizer que a mente determina tudo, é uma asserção digna do aspecto do universo, do sol, da lua, dos astros e de todo o circuito celeste, sem que, do meu lado, eu possa pensar ou manifestar- me a esse respeito por maneira diferente.

Sócrates - Queres, então, que nos declaremos de acordo com os nossos maiores, sobre se passarem as coisas, realmente, dessa maneira, não nos limitando a repetir sem o menor risco de a opinião de terceiros, mas compartilhando com aqueles tanto a censura como o risco, sempre que algum sujeito petulante afirmar que não é assim e que não há ordem no universo?

Protarco - Como não hei de querer?

Sócrates - Chaga-te, então, para ver o que se segue ao nosso argumento.

Protarco - Podes falar.

Sócrates - O que entra na composição da natureza de corpos de todos os seres vivos: fogo, e água e ar e também terra, como dizem os que já se viram assaltados por grandes tempestades, reaparece na composição do universo.

Protarco - Imagem muita apropriada, porque nós também sofremos bastante no roteiro da presente discussão.

Sócrates - Ouve agora o que passarei a expor a respeito de cada um dos elementos do que somos compostos.

Protarco - Que será?

Sócrates - Cada elemento existente em nós é pequeno e de ruim qualidade, além de não ser puro de maneira nenhuma nem dotado de qualquer poder digno de sua natureza. Se examinares um que seja, podes concluir que os demais são do mesmo jeito. Por exemplo: assim como há fogo em nós, também há no universo.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - E não é verdade que o fogo existente em nós é pequeno e fraco e de ruim qualidade, e o do universo é admirável pela qualidade e beleza e pela força que lhe é própria?

Protarco - Só dizes a verdade.

Sócrates - E agora? Porventura o fogo do universo se forma e se alimenta do fogo que há em nós? Ou será precisamente o contrário disso: o que há em mim e em ti e em todos os seres vivos é que recebe daquele tudo o que tem?

Protarco - Essa pergunta nem merece resposta.

Sócrates - Sem dúvida; como penso que dirás a mesma coisa a respeito da terra cá de baixo, de que são compostos os animais e da que há no universo, e também dos outros elementos a que me referi há pouquinho. Não darias idêntica resposta?

Protarco - Como seria considerado são do espírito quem respondesse de outro modo?

Sócrates - Ninguém, evidente. Presta agora atenção ao que segue. Tudo o que enumeramos, sempre que vemos reunido num todo único, não lhe damos a denominação de corpo?

Protarco - Como não?

Sócrates - Aceita a mesma conclusão para o que chamamos universo; é um corpo da mesma espécie do nosso, porque formado dos mesmo elementos.

Protarco - Certíssimo.

Sócrates - E agora: é desse corpo universal que o nosso se alimenta, ou é do nosso que o universo tira o de que necessita e recebe e conserva tudo o que há pouco mencionamos?

Protarco - É outra pergunta, Sócrates, que nem valia a pena formular.

Sócrates - E a seguinte, valerá? Ou como te parece?

Protarco - Podes enunciá-la.

Sócrates - Afirmaremos que nosso corpo é dotado de alma?

Protarco - É o que dizemos, sem dúvida.

Sócrates - E de onde, Protarco, a receberia, se o corpo do universo não fosse animado e não possuísse os mesmo elementos que o nosso, e, a todas as luzes,

ainda mais belos?

Protarco - É evidente, Sócrates, que terá de ser dali mesmo.

Sócrates - Pois não podemos acreditar, Protarco, que desses quatro gêneros: o finito, o infinito, o misto e o gênero da causa, que, como quarto, se encontra em todas as coisas, essa causa que fornece uma alma a nosso corpo, dirige os exercícios físicos e cura os corpos quando estes adoecem, e forma mil outras combinações e as repara, seja, por isso, denominada sabedoria total multiforme, e que no conjunto do céu, onde tudo isso se encontra em maior escala e sob forma mais bela e pura, não se tenha realizado a natureza mais bela e de maior preço.

Protarco - É o que não se pode nem pensar.

Sócrates - A não ser assim, melhor faríamos seguindo outra opinião, à qual já nos referimos tantas vezes, sobre haver muito infinito no universo, bastante finito, além de uma causa nada desprezível, que coordena e determina os anos, as estações e os meses, e que, com todo o direito, poderá ser denominada sabedoria e inteligência.

Protarco - Sim, com todo o direito.

Sócrates - Mas sem alma, não pode haver sabedoria nem inteligência.

Protarco - De jeito nenhum.

Sócrates - Dirás, então, que na natureza de Zeus há uma alma real e uma inteligência real formadas pelo poder da causa, bem como outros belos atributos nas demais divindades, designados da maneira que melhor lhes aprouver.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Decerto, Protarco, não irás imaginar que eu desfiei todo esse discurso sem segundas intenções. Ele serve para reforçar o juízo há muito enunciado, de ser o mundo, sempre, governado pela inteligência.

Protarco - Com efeito.

Sócrates - Além do mais, ensejou resposta à minha pergunta, sobre pertencer a inteligência ao gênero do que dissemos ser a causa de tudo, uma das quatro por nós admitidas. Aí tens a resposta que te devíamos.

Protarco - E bastante satisfatória, conquanto eu não houvesse observado que me havias respondido.

Sócrates - Muitas vezes, Protarco, uma brincadeira diminui a tensão dos

estudos sérios.

Protarco - Falaste muito bem.

Sócrates - Assim, camarada, demonstramos de maneira iniludível a que gênero pertence a inteligência e que espécie de força lhe é inerente.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - Como já descobrimos há muito o gênero do prazer.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - A respeito de ambos, não nos esqueçamos de que a inteligência é aparentada com a causa e mais ou menos do mesmo gênero, enquanto o prazer é infinito em si mesmo e pertence ao gênero que não tem nem nunca terá em si e por si mesmo nem começo nem meio nem fim.

Protarco - De que jeito?

Sócrates - Quer parecer-me que é do gênero misto que se originam tanto a dor como o prazer.

Protarco - Gênero misto, meu caro Sócrates? Convém que nos recordes qual tens em vista, dentre os anteriormente mencionados.

Sócrates - Farei o que puder, meu admirável amigo.

Protarco - Bela resposta.

Sócrates - Por gênero misto devemos entender o terceiro dos quatro gêneros por nós enumerados.

Protarco - E o que mencionaste depois do infinito e do finito, no qual incluíste, se não estou enganado, a saúde e também a harmonia.

Sócrates - Dizes bem. E agora, presta toda a atenção.

Protarco - Podes falar.

Sócrates - Digo que quando a harmonia se dissolve em nós outros, seres animados, produz-se ao mesmo tempo dissolução da natureza e geração da dor.

Protarco - É muito verossímil o que afirmas.

Sócrates - E que quando se restabelece a harmonia e volta ao seu estado natural, devemos dizer que nasce o prazer, se me for lícito exprimir brevemente e em poucas palavras um assunto de tal magnitude.

Protarco - Acho que te expressaste muito bem, Sócrates; mas tendemos dizer a mesma coisa por maneira ainda mais clara.

Sócrates - Os fatos comezinhos e vulgares não são fáceis de entender?

Protarco - Quais?

Sócrates - A fome não é dissolução e dor?

Protarco - Certo.

Sócrates - Ao passo que o comer é repleção e prazer?

Protarco - Sim.

Sócrates - A sede, por sua vez, é destruição e dor, e o inverso: é prazer a atuação do úmido no ato de encher o que secou. Do mesmo modo, a desagregação e a dissolução contra a natureza, causadas em nós pelo calor, é sofrimento, como é prazer a volta ao estado natural e ao frescor.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - Da mesma forma, a congelação contra a natureza que o frio opera nos humores do animal é sofrimento; mas, quando eles retornam ao seu estado natural e voltam a dissolver-se, esse processo conforme a natureza é prazer. Em uma palavra, vê se te parece razoável dizer que na classe dos seres vivos, formados, como declarei, da união do infinito com o finito, sempre que essa união vem a destruir-se, tal destruição é dor, e o contrário disso: em todos eles é prazer o caminho para sua própria natureza e conservação.

Protarco - Vá que seja. Quer parecer-me, que, em tese, tudo isso é verdadeiro.

Sócrates - Assentemos, pois, a primeira espécie de prazer e dor, oriunda dos dois

Processos mencionados.

Protarco- Está assentado.

XVIII- Sócrates- Pensa também na expectativa desses estados de pressentimento da alma: um, agradável e cheio de confiança com relação ao prazer; e outro, terrível e angustiante no que respeita à tristeza.

Protarco - Será uma outra espécie de prazer e de dor, oriunda da expectativa da alma, sem participação do corpo.

Sócrates - Bem apanhado. Nesse estado de expectativa, creio, pelo menos em minha maneira de pensar, em que os dois sentimentos surgem puros, ao que parece, e sem mistura, o prazer e a dor, veremos claramente, com relação ao prazer, se o gênero inteiro é desejável ou se tal vantagem só deve ser atribuída a um dos gêneros acima enumerados, ou se o prazer e a dor, tal como o quente e o frio, e tudo o mais da mesma natureza, ora são desejáveis, ora indesejáveis, por não serem propriamente bens, conquanto algum deles, por vezes e em circunstâncias especiais, participem da natureza dos bens.

Protarco - Tens razão de dizer que por esse caminho virá ao nosso encontro a caça que estamos a perseguir.

Sócrates - Então, estudemos primeiro esse ponto. A ser verdade o que dissemos a pouco, que há dor sempre devida se corrompe, e prazer quando se restabelece, consideremos como se deve ser o estado de todo ser vivo, quando não houver nem destruição nem restauração, nas condições imaginadas. Não será fatal que durante esse tempo nenhum ser vivo sentirá dor ou prazer, nem muito nem pouco?

Protarco - De toda a necessidade; não há duvida.

Sócrates - Então não haverá para nós um terceiro estado, diferente do prazer ou da dor?

Protarco - Como não?

Sócrates - Então, grava bem essa particularidade, pois não é de somenos importância, quando se trata de julgar o prazer, temos isso em mente ou não termos. E para arrematar o assunto, se estiveres de acordo, mais uma palavrinha a esse respeito.

Protarco - Podes falar.

Sócrates - Como não ignoras, se alguém escolhe a vida sábia, não há o que impeça de viver dessa maneira.

Protarco - Referes-te à vida extreme de prazer e de dor.

Sócrates - Já ficou esclarecido, na comparação dos gêneros de vida, que quem escolhe viver segundo a razão e a sabedoria não sentirá prazer, nem muito nem pouco.

Protarco - Eu fico, realmente.

Sócrates - Seria essa condição de tal pessoa, o que talvez nada teria de estranho, se todos os meios de vida fosse esse o mais divino.

Protarco - A ser assim, os deuses nem sentem prazer nem o seu contrário.

Sócrates - Não, provavelmente. Esse estados não seriam próprios dos deuses. Mas ainda voltaremos considerar esse ponto, se advier daí alguma vantagem para nossa exposição elevarmos essa parte à conta da inteligência, na competição pelo segundo prêmio, no caso de não lhe ser possível alcançar o primeiro.

Protarco - Falaste com muito acerto.

XIX - Sócrates - A outra classe de prazeres que atribuímos exclusivamente à alma, só provem da memória.

Protarco - Como assim?

Sócrates - Ao que parece primeiro precisaremos saber o que seja memória, ou mesmo, antes dela, o que é sensação, se quisermos elucidar de uma vez para sempre essa questão.

Protarco - Como disseste?

Sócrates - Admite que de todas as afecções a que nosso corpo está sujeito, algumas se extinguem do nosso corpo está sujeito, algumas se extinguem no próprio corpo antes de alcançar a alma, deixando- a impossível, enquanto outras atravessam o corpo e a alma, causando- lhe abalo a um tempo comum ambos e peculiar a cada um.

Protarco - Já admiti.

Sócrates - E se dissermos que as que não passam pelos dois escapam a nossa alma, como não lhe escapam as que passam, falaremos com bastante propriedade.

Protarco - Como não?

Sócrates - Contudo, quando digo que não passa, não interpretes a expressão como se eu falasse do nascimento do olvido. O esquecimento é parada da memória. Ora, no presente caso a memória ainda não nasceu. É mais do que absurdo falar de perda do que não existe e ainda não nasceu. Não é isso mesmo?

Protarco -Sem dúvida.

Sócrates - Então, bastará trocares os nomes.

Protarco - De que jeito?

Sócrates - Em vez de dizer, quando algo escapa à alma, que esta fica

insensível aos abalos do corpo, será preferível dar o nome de insensibilidade ao que denominamos esquecimento.

Protarco - Compreendo.

Sócrates - Mas quando o corpo e a alma são afetados pelo mesmo agente e se movem a um só tempo, se deres o nome de sensação a esse movimento, não terás falado fora de propósito.

Protarco - Só dizes a verdade.

Sócrates - Ficamos agora sabendo o que entendemos por sensação.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - A esse modo, quando dissemos que a memória era a conservação da sensação, pelo menos na minha maneira de pensar falamos com muito acerto.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - E também não dissemos que a reminiscência difere da memória?

Protarco - Talvez.

Sócrates - Neste particular, porventura?

Protarco - Como será?

Sócrates - Quando a alma recebe alguma impressão juntamente com o corpo, e depois, sozinha em si mesma, recupera-a tanto quanto possível, a isso é que damos nome de reminiscência, não é verdade?

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - E também quando perde a lembrança, seja de sensação, seja de algum conhecimento, e ela a recupera também só e em si mesma, a tudo isso também damos o nome de reminiscência.

Protarco - Falas com muito acerto.

Sócrates - A razão de eu haver exposto tudo isso é a seguinte.

Protarco - Qual será?

Sócrates - Para determinar a maneira mais clara e perfeita que for possível o que seja o prazer da alma sem o corpo e, ao mesmo tempo, o desejo. Penso que minha exposição esclareceu os dois conceitos.

XX - Protarco - Então, Sócrates, tratemos do que vem a seguir.

Sócrates - Ao que parece, precisaremos falar muito a respeito da origem e de todas as formas do prazer. Logo de saída, teremos de considerar o que é desejo e como se origina.

Protarco - Então, consideremo-lo; nada perderemos com isso.

Sócrates - Não, Protarco; quando encontrarmos o que ora procuramos, perdemos a perplexidade que nos ficou dessa questão.

Protarco - Ótima observação; mas tentemos estudar o que se segue.

Sócrates - Não afirmamos agora mesmo que a fome, a sede é tudo o mais da mesma natureza se inclui na classe dos apetites?

Protarco - Afirmamos.

Sócrates - E que vemos de idêntico em todos, para designarmos com um nome, apenas, tantas coisas diferentes?

Protarco - Por Zeus, Sócrates, eis uma pergunta difícil de responder; mas será preciso dizer alguma coisa.

Sócrates - Retomemos a questão do seguinte ponto.

Protarco - De onde será?

Sócrates - Sempre que dizemos que alguém está com sede, não queremos significar com isso alguma coisa?

Protarco - Como não?

Sócrates - Eqüivale a dizer que essa pessoa se acha vazia.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - E sede, não é desejo?

Protarco - Sim, desejo de beber.

Sócrates - Beber ou encher-se de líquido?

Protarco - Acho que encher-se de líquido.

Sócrates - Então, ao que parece, quando algum de nós está vazio, deseja precisamente o contrário daquilo que experimente: por estar vazio, quer ficar cheio.

Protarco - Certíssimo.

Sócrates - E agora, quem estivar vazio pela primeira vez, poderá alcançar por meio da sensação ou da reminiscência uma repleção que no momento presente ele não sente nem nunca experimentou no passado.

Protarco - Como o poderia?

Sócrates - Mas, quem deseja, deseja sempre alguma coisa, e o que afirmamos.

Protarco - Como não?

Sócrates - Logo, essa pessoa não deseja o que experimenta; visto estar com sede, acha-se vazio; e o vazio só deseja encher-se.

Protarco - Como não?

Sócrates - Sendo assim, deve haver no sedento alguma coisa que, de algum jeito, aprende a repleção.

Protarco - Necessariamente.

Sócrates - O corpo, não pode ser; porque esse está vazio.

Protarco - Certo.

Sócrates - Resta ser a alma o que aprende a repleção, pela memória, evidentemente; mas, por qual via a teria encontrado?

Protarco - Não sei qual possa ser.

XXI - Sócrates - Será que percebemos direito a conseqüência de nosso raciocínio?

Protarco - Qual?

Sócrates - Afirma nosso argumento que não há sede do corpo.

Protarco - Como assim?

Sócrates - Por admitir que o esforço de todo animal tende sempre para o contrário daquilo que o corpo experimenta.

Protarco - Exato.

Sócrates - E o impulso que o leva para o oposto do que ele experimente demostra que ele possui a memória contrário daquela condição.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - Assim, demonstrando nosso argumento que é a memória que nos leva para os objetos de nossos desejos, demonstra, no mesmo passo, que todos os impulsos e desejos e o comando de todos os seres animados pertencem à alma.

Protarco - Certíssimo.

Sócrates - Que o corpo tenha sede ou fome ou passe por qualquer dessas necessidades, e o que o nosso argumento não admite de jeito nenhum.

Protarco - É muito certo.

Sócrates - Nas mesmas conexões, observemos o seguinte: Quer parecer-me que argumento pretende revelar- nos nessas afecções um modo particular de vida.

Protarco - Em que afecções, e a que modo de vida te referes?

Sócrates - Na repleção e no esvaziamento e em tudo o mais que se relacionar com a conservação ou a destruição dos seres vivos, e nos casos em que um de nós, por encontrar-se num desses estados, ora sofre ora goza, conforme passe de um para o outro.

Protarco - Exato.

Sócrates - E que acontece quando alguém se encontra no meio dos dois?

Protarco - No meio, como?

Sócrates - Ao sofrer com determinado estado, recorda-se do prazer, cuja realização faria cessar aquela dor, mas sem, com isso, atingir a repleção. Que acontecerá? Diremos ou não diremos que essa pessoa se encontra entre esses dois estado?

Protarco - Diremos, sem dúvida alguma.

Sócrates - E estará inteiramente mergulhado na dor ou no prazer?

Protarco - Não, por Zeus. De algum modo, sofre duplamente: no corpo, pelas condições em que se encontra; na alma, pela expectativa de algum desejo.

Sócrates - Que entendes, Protarco, por sofrimento duplo? Não poderá acontecer que um de nós, por estar vazio, se mantenha na esperança de vir a enche-se, e outros vezes o contrário disso, deixe-se invadir pelo desespero?

Protarco - Pode muito bem acontecer isso mesmo.

Sócrates - E não te parece que, na esperança de vir a encher-se, ele se alegra só com essa lembrança, ao mesmo tempo que sofre, pelo fato de estar vazio?

Protarco - Necessariamente.

Sócrates - Nessas condições, tanto os homens como os animais sentem simultaneamente prazer e dor.

Protarco - É possível.

Sócrates - E no caso de estar vazio, sem a menor esperança de chegar à repleção? Não será então, e só então, que se produz esse duplo sentimento de dor que há momentos observaste e te levou a concluir que o mesmo se passa em todos os casos?

Protarco - Muitíssimo certo, Sócrates.

Sócrates - Apliquemos no seguinte nossas observações acerca desses estados.

Protarco - Como será?

Sócrates - Diremos que essas sensações de prazer e de dor são verdadeiras, ou serão falsas? Ou algumas verdadeiras e outras falsas?

Protarco - De que modo, Sócrates, o prazer ou a dor poderia ser falsos?

Sócrates - Da mesma maneira, Protarco, que pode haver temores verdadeiros ou falsos, expectativas verdadeiras ou não verdadeiras, e opiniões verdadeiras ou falsas.

Protarco - Com respeito a opinião, concedo; com o resto, não.

Sócrates - Como disseste? É possível que isso levante uma discussão que não promete ser curta.

Protarco - Tens razão.

Sócrates - Mas o que precisamos considerar, filho daquele homem, é se ela mantém alguma relação com o que ficou dito antes.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Teremos, então, de renunciar a longas digressões e tudo o mais que fugir do tema principal.

Protarco- Certo.

Sócrates - Dize-me uma coisa, pois não pára de crescer meu espanto diante

das dificuldades surgidas neste momento.

Protarco - Que queres dizer com isso?

Sócrates - Não há prazeres falsos e prazeres verdadeiros.

Protarco - Como não.

Sócrates - Nem dormindo nem acordado, conforme disseste, nem nos acessos de loucura ou em qualquer estado de insanidade mental, não há quem se considere alegre, quando não sente alegria, ou pense sofrer alguma dor, quando em verdade nada sofre.

Protarco - Todos nós admitimos, Sócrates, que tudo se passa realmente conforme disseste.

Sócrates - E não estarei certo? Ou haverá necessidades de examinar se a proposição é falsa ou verdadeira?

XXII - Protarco - Sim, precisamos examinar esse ponto; pelo menos é assim que eu penso.

Sócrates - Esclarecemos melhor o que expusemos há pouco, acerca do prazer e da opinião. Não há que se chama Formar opinião?

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - E também Sentir prazer?

Protarco - Sim.

Sócrates - E também que a opinião dirá sempre respeito a alguma coisa?

Protarco - Como não?

Sócrates - Passando-se o mesmo com o que é objeto do prazer ?

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - E com respeito à opinião que seja verdadeira quer seja falsa, de qualquer forma não deixará de ser opinião.

Protarco - É evidente.

Sócrates - O mesmo passa com a sensação de prazer: falsa ou verdadeira, jamais virá a perder-se, nisso, precisamente, de ser sensação de prazer.

Protarco - Certo; tudo aí se passa assim mesmo.

Sócrates - Então, qual é o motivo de ora formarmos opiniões falsas, ora verdadeiras, mas de só haver sensação verdadeira de prazer, quando ambos os atos são igualmente reais, tanto o de formar opinião e de sentir prazer? È o que precisamos investigar.

Protarco - Sim, investigaremos isso mesmo.

Sócrates - Queres dizer que, pelo fato de juntar-se verdade ou falsidade à opinião, esta não fica sendo apenas opinião, mas certa opinião, ou falsa ou verdadeira. És de parecer que esse ponto é que devemos considerar?

Protarco - Exato.

Sócrates - Além do mais, conquanto as coisas tenham determinadas qualidades, só a dor e o prazer são o que são sem acréscimo de nenhuma qualidade: é também um ponto que precisará ser esclarecido.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Aliás, não é difícil perceber que eles também têm qualidades. Há muito, declaramos que uns e outros podem ser grandes ou pequenos, violentos ou fracos, tanto os prazeres como as dores.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - E também, Protarco, sempre que a maldade se junta a um deles, dizemos que a opinião se tornou ruim, como declaramos a mesma coisa do prazer.

Protarco - Nem poderíamos falar de outra maneira, Sócrates.

Sócrates - E se a retidão ou o contrário da retidão se juntar a um deles, não diremos que a opinião é reta, e a mesma coisa é do prazer?

Protarco - Necessariamente.

Sócrates - E se for falsa a opinião a respeito de determinada coisa, não teremos de reconhecer como errada a opinião emitida e como falsamente concebida?

Protarco - Como não?

Sócrates - E quando verificamos que não está certo o prazer ou a dor que nos causa algum sofrimento ou o seu contraio, dar-lhe-emos o qualificativo de bom ou verdadeiro, ou alguma denominação diferente?

Protarco - Não é possível, uma vez que o prazer se enganou.

Sócrates - Parece, também, que com bastante freqüência ele nos chega na companhia da opinião falsa, não verdadeira.

Protarco - Como não? E em semelhantes casos, Sócrates, dizemos que a opinião é falsa; porém nunca ninguém dirá que o prazer seja falso.

Sócrates - Com que calor, Protarco, tomas a defesa do prazer!

Protarco - Nada disso; apenas repito o que ouço por aí.

Sócrates - Não haverá, camarada, para nós diferença alguma entre o prazer associado à opinião verdadeira e o conhecimento, e o que, por vezes, vem de par com a mentira e a ignorância?

Protarco - Tudo indica que a diferença não é pequena.

XVIII - Sócrates - Então, passemos a considerar em que ponto eles diferem.

Protarco - Dirige a discussão como achares melhor.

Sócrates - Vou dirigi-la da seguinte maneira.

Protarco - Como será?

Sócrates - A opinião, é o que afirmamos, tanto pode ser verdadeira como falsa.

Protarco - Exato.

Sócrates - E muitas vezes, conforme explicamos agora mesmo, acompanham- lhes o rasto a dor e o prazer; refiro-me à opinião falsa e à opinião verdadeira.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - E não será também certo que a opinião e o esforço de opinião sempre nascem da sensação e da memória?

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - E nesse particular, não será inevitável proceder da seguinte maneira?

Protarco - De que jeito?

Sócrates - Por vezes, não pode acontecer que, ao perceber de longe alguém um objeto que não se deixa destinguir claramente, não dirás comigo que essa pessoa deseja determinar o que seja aquilo?

Protarco - Acho que sim.

Sócrates - E nessas circunstâncias, não passará ela a interrogar-se a si mesma?

Protarco - De que maneira?

Sócrates - Que será o que parece estar embaixo daquela árvore, ao pé do morro? Não és de opinião que esse indivíduo dirija a si mesmo essa pergunta, quando perceber algo nas condições descritas?

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates- E a seguir, se dissesse, como se falasse a sós consigo: é um homem, não responderia direito?

Protarco - É evidente.

Sócrates - Mas também poderá enganar-se, e, na suposição de que se trata de obra de algum pastor, dará o nome de imagem ao que percebesse naquele momento.

Protarco - Exato.

Sócrates - E no caso de haver alguém ao seu lado, explicar-lhe-á por meio da palavra o que falara para si mesmo, com o que dirá pela segunda vez a mesma coisa, transformando, assim, em discurso o a que antes dera o nome de opinião.

Protarco - Nem poderá ser de outra maneira.

Sócrates - Mas se estivar sozinho quando lhe ocorrer semelhante idéia, pode bem dar-se por algum tempo ele continue seu passeio sem comunicá-lo a ninguém.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - E agora: pensarás exatamente como eu, a respeito dessa questão.

Protarco - De que jeito?

Sócrates - Acho que nessas ocasiões a alma se assemelha a um livro.

Protarco - Como assim?

Sócrates - A memória, em consonância com as sensações que dizem respeito àquelas ocorrências, é como se escrevesse, por assim dizer, discursos na alma; e quando o sentimento da ocorrência escreve certo, então se forma em nós opinião verdadeira, da qual também decorrem discursos verdadeiros; porém quando o

escrevente que temos dentro de nós escreve errado, produz-se precisamente o contrário da verdade.

Protarco - É exatamente o que eu penso, como também aprovo tudo o que disseste.

Sócrates - Então, admite mais um obreiro que nessas ocasiões também trabalha em nossa alma.

Protarco - Quem será?

Sócrates - Um pintor que, depois do escrevente pinta na alma a imagem das coisas descritas por este.

Protarco - Mas, como diremos que proceda, e quando é que se passa tudo isso?

Sócrates - Quando, em decorrência de alguma visão ou de qualquer outra sensação, alguém leva consigo uma opinião pensada ou falada, e vê, de algum modo, dentro de si mesmo as imagens do que ele pensou ou disse. Não é isso que acontece com todos nós?

Protarco - Sem tirar nem põr.

Sócrates - E não serão verdadeiras as imagens das opiniões e dos discursos verdadeiros, como serão falsas as das falsas?

Protarco - Exatamente.

Sócrates - Se estiver tudo certo tudo o que dissemos até aqui, precisaremos examinar ainda o seguinte ponto.

Protarco - Qual?

Sócrates - Se as ocorrências presentes e passadas produzem necessariamente esses efeitos em nós, porém não as frutas.

Protarco - 0 mesmo se dará em qualquer tempo com todas.

Sócrates - Há pouco falamos dos prazeres e das dores que nos vêm por intermédio da alma e podem anteceder as que provém do corpo, do que resulta termos prazeres ou sofrimentos antecipados.

Protarco - É muito certo.

Sócrates - E as letras e as pinturas que há momentos admitimos existir dentro de nós, só serão válidas para o tempo presente e o passado, não para o futuro?

Protarco - Também valem, e muito, para o futuro.

Sócrates - quando falamos em muito, com relação ao futuro, referes-te a esperanças, no sentido de atravessarmos a vida cheio delas?

Protarco- Perfeitamente.

XXIV - Sócrates - Então, e em aditamento o que ficou dito, responde mais uma pergunta.

Protarco - Qual?

Sócrates - O homem justo e pio inteiramente bom, não é amado dos deuses?

Protarco - Como não?

Sócrates - E com o injusto e ruim de todo, não se passa precisamente o contrário disso?

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - E, como dissemos há pouco, todos os homens estão cheios de esperanças.

Protarco - Isso mesmo.

Sócrates - Logo, em cada um de nós há certos discursos que denominamos esperanças?

Protarco - Há.

Sócrates - E também imagens pintadas. A esse modo, poderá alguém ver-se como possuidor de muito ouro, com seu cortejo inseparável de prazeres, e fonte, para ele, de grande satisfação; como verá sua própria pintura em estado de acentuada euforia.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Sendo assim, estamos autorizados a dizer a esse respeito que na maioria dos casos as imagens assim escritas no interior dos homens de bens são verdadeiras, e que os homens maus se dá precisamente o contrário disso. Ou não diremos?

Protarco - É o que precisaremos dizer, sem dúvida.

Sócrates - Da mesma forma, os maus carregam no infinito essas pinturas de prazeres, com a diferença de serem prazeres falsos.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates-Assim, na maioria das vezes os maus se alegram com os prazeres falsos e os varões de bens, como verdadeiros.

Protarco - Eis uma conclusão irrefutável.

Sócrates - De acordo, pois, com o presente argumento, na alma do homem há prazeres falsos, ridículas imitações dos verdadeiros, o mesmo acontecendo com as dores.

Protarco - Certo.

Sócrates - Ora, como já demonstramos, pode bem acontecer que as opiniões formadas por determinadas pessoa não se relacionem com nenhum objeto existente ou que ainda venha existir.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - A meu parecer, esse é o motivo de haver falsas opiniões e de opinarmos falsamente, não é assim mesmo?

Protarco - Exato.

Sócrates - E agora, não precisamos conceder as dores e aos prazeres uma maneira de ser igual à das opiniões?

Protarco - De que jeito?

Sócrates - Afirmando ser possível sentir prazer embora fútil, quem se alegra de qualquer modo, mas, por vezes, também a respeito de coisas que não existem que nem nunca existiram e que, na maioria dos casos, senão mesmo em todos, jamais virão a concretizar-se.

Protarco - Isso também, Sócrates, terá de passar-se exatamente como disseste.

Sócrates - O mesmo raciocínio é válido a respeito do medo, da cólera e das demais paixões de igual tipo, que muitas vezes poderão ser falsas.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates- E então? Haverá outro modo de qualificar como boas ou más as opiniões, a não ser afirmando que são verdadeiras ou falsas?

Protarco - Não há.

Sócrates - O mesmo se passa com os prazeres, segundo penso: é por serem

falsos que os consideramos ruins.

Protarco - Não, Sócrates; é justamente o contrário. Dificilmente alguém afirmará que as dores e os prazeres são ruins por serem falsos, mas por implicarem grandes e numerosos vícios.

Sócrates - Mais para diante, se julgarmos conveniente, falaremos desses prazeres ruins que devem a ruindade própria a alguma corrupção. Por enquanto, tratemos apenas dos prazeres falsos de outro modo que, por vezes em grande número, se formam em nossa alma. Talvez isso seja de alguma utilidade para nossos julgamentos.

Protarco - Como não? Contanto que haja prazeres desse tipo.

Sócrates - Há sim, Protarco; pelo menos em minha maneira de pensar. E enquanto permanecer em nós essa convicção, não poderá deixar de ser analisada.

Protarco - Muito bem.

XXV - Sócrates - Copiando a tática dos atletas, tomemos posição em torno desse argumento.

Protarco - Sim, façamos isso mesmo.

Sócrates - Se ainda estamos lembrados, dissemos há pouco que, quando os prazeres - tal foi o nome que lhes demos - existem em nós, o corpo se conserva a parte e completamente separado da alma em suas afecções.

Protarco - Sim, ainda me lembro; foi dito isso mesmo.

Sócrates - Como também afirmamos ser a alma quem deseja o que se opõe às condições do corpo, e que é o corpo a fonte tanto dos prazeres como das dores.

Protarco - Isso mesmo.

Sócrates - Conclui agora o que se deduz de tudo isso.

Protarco - Podes falar.

Sócrates - Em tais casos, acontece o seguinte: as dores e os prazeres existem simultaneamente em nós, com as correspondentes sensações, que se opõem uma às outras, conforme já o demonstramos.

Protarco - É o que parece, realmente.

Sócrates - E também não foi dito o seguinte, cuja verdade, aliás, ficou

reconhecida por nós dois?

Protarco - De que se trata?

Sócrates - Que ambos, o prazer e a dor, admitem o mais e o menos e pertencem ao gênero do infinito.

Protarco- Sim, dissemos; e daí?

Sócrates - Qual é o caminho para julgar com acerto esse ponto?

Protarco - Qual será e como o iniciaremos?

Sócrates - Sempre que nos dispomos em semelhantes casos não partimos do propósito de distinguir em todos qual é comparativamente maior ou menor, mais intenso ou mais forte, confrontando dor com prazer, dor com dor e prazer com prazer?

Protarco - Exato; nem é outro o propósito de nosso julgamento.

Sócrates - Mas como! No caso da vista, por exemplo, a verdade se altera quando se trata de ver de longe ou de perto, o que nos induz a julgamentos falsos. E o mesmo não se passará com as dores e os prazeres?

Protarco - Em escala muito maior, Sócrates.

Sócrates - Sendo assim, o que dissemos agora é precisamente o contrário do que afirmamos há pouco.

Protarco - Que queres dizer com isso?

Sócrates - Então, com serem verdadeiras ou falsas opiniões , comunicavam essa mesmas qualidades às dores e aos prazeres.

Protarco - É muito certo.

Sócrates - Mas agora, pelo fato de parecerem mudáveis as dores e os prazeres, conforme sejam vistos de mais longe ou mais perto, sempre que confrontados entre si, os prazeres nos parecem, em relação às dores, maiores e mais violentos, ocorrendo com as dores precisamente o contrário, em paralelo com os prazeres.

Protarco - Necessariamente terá de ser assim mesmo, pelas razões expostas.

Sócrates - Daí parecerem ambos maiores ou menores do que são. Ora, se cortares de ambos a parte que aparece, mas na realidade não é, não somente não dirás que essa aparência seja verdadeira, como não terás o ousio de afirmar que

é verdadeira a parte restante da dor ou do prazer.

Protarco - Não, de fato.

Sócrates - Depois disso, vejamos se no rasto de mesmo raciocínio não iremos encontrar prazeres e dores ainda mais falsos do que os parecem existir e existem nos seres vivos.

Protarco - Quantos são, e do que maneira os encontraremos?

XXVI - Sócrates - Repetidas vezes afirmamos que, quando a natureza de qualquer ser se corrompe, por concreções ou dissoluções, repleção ou esvaziamento, crescimento ou diminuição, ocorrem dores, mal-estar e sofrimento, e tudo o mais a que damos designações parecidas.

Protarco - É de fato; já tratamos várias vezes desse ponto.

Sócrates - E quando tudo retorna à sua natureza primitiva, concluímos entre nós mesmos que semelhante volta constitui prazer.

Protarco - Certo.

Sócrates - E que acontece, quando nosso corpo não passa por nenhuma dessas transformações?

Protarco - E quando ocorre semelhante estado, Sócrates?

Sócrates - Essa pergunta, Protarco, é fora de propósito.

Protarco - Como assim?

Sócrates - Porque não me impede de apresentar-te a mesma pergunta de antes.

Protarco - Qual?

Sócrates - Se tal estado não ocorresse nunca - é o que sempre afirmei - que aconteceria necessariamente conosco?

Protarco - Queres dizer: se o corpo não mudasse em nenhum sentido?

Sócrates - Isso mesmo.

Protarco - Nessas condições, Sócrates, é evidente que ele não sentiria prazer nem sentimento de qualquer espécie.

Sócrates - Falaste admiravelmente bem. Mas decerto admitirás, segundo penso, que teremos sempre de passar por alguma modificação, conforme dizem

os sábios, pois tudo não pára de mover-se para cima ou para baixo.

Protarco - Sim, é o que dizem, não me parecendo que falem aereamente.

Sócrates - Como o poderiam, se não lhes falta autoridade para falar? Porém preciso fugir dessa questão, que se intrometeu em nosso discurso. Tenciono escapar por este lado; vê se te decides acompanhar- me em minha fuga.

Protarco - Indica a direção.

Sócrates - Vá que seja assim mesmo, é o que lhes diremos. E agora me responde: será que os seres vivos sempre têm consciência do que se passa com eles, não se processando nenhum crescimento sem que o percebamos, nem qualquer outra alteração da mesma natureza, ou acontecerá precisamente o contrário?

Protarco - O contrário, sem dúvida; quase todos os fenõmenos desse tipo nos escapam.

Sócrates - Nesse caso, não estava muito certo o que dissemos há pouco, que a s modificações num ou noutro sentido nos proporcionam sofrimentos ou prazeres.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - O melhor e mais seguro seria afirmar o seguinte.

Protarco - Que será?

Sócrates - Que as grandes mudanças nos causam prazer e sofrimento, enquanto as medianas ou mínimas, nem uma coisa nem outra.

Protarco - Essa afirmativa, Sócrates, é mais certa do que a primeira.

Sócrates - A ser assim, vai reaparecer o gênero de vida a que há pouco me referi.

Protarco - Que gênero de vida?

Sócrates - O que consideramos estreme de sofrimentos e de alegria.

Protarco - Só dizes a verdade.

Sócrates - Nessas bases, admitamos três espécies de vida: uma agradável, outra dolorosa, e uma terceira, que não será nem uma coisa nem outra. Tudo isso, como te parece?

Protarco - Eu? Apenas isso mesmo: que há três gêneros de vida.

Sócrates - Nesse caso, a ausência de dor não é a mesma coisa que sentimento de prazer.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Então, sempre que ouves alguém afirmar que não há nada agradável como passar a vida sem sofrimentos, que te parece que essa pessoa quer dizer?

Protarco - Eu, pelo menos, entendo que ela considera agradável a ausência de dor.

Sócrates - Imagina três coisas que melhor te parecerem e apliquemo-lhes belos nomes: uma será outro; outra, prata; e a terceira, nem ouro nem prata.

Protarco - Vá que seja.

Sócrates - Concebe-se que esta última, que não é nem uma coisa nem outra, venha a ser outro ou prata?

Protarco - Como fora possível?

Sócrates - O mesmo se passa com o gênero mediano de vida, que jamais poderá ser tido, ou sequer imaginado, como agradável ou doloroso; pelo menos de acordo com o são raciocínio.

Protarco - É evidente.

Sócrates - No entanto, companheiro, conhecemos muita gente que fala e pensa dessa maneira.

Protarco - Muita, realmente.

Sócrates - Acreditarão, porventura, que sentem prazer quando a dor não os oprime?

Protarco - É o que dizem.

Sócrates - Então, é que imaginam sentir prazer; do contrário, não se expressariam daquele modo.

Protarco - Parece.

Sócrates - Têm, por conseguinte, uma concepção falsa do prazer, a estar certo que prazer e ausência de sofrimento são de natureza diferente.

Protarco - Como realmente são.

Sócrates - Então, afirmaremos, como há pouco, que há três estados, ou diremos que só há dois: a dor, que constitui um mal para os homens; e a ausência de dor, que em si mesma é um bem, a que damos o nome de prazer?

XVII - Protarco - Sócrates, a propósito de quê formulamos a nós mesmos essas perguntas? Não atino com a razão de assim procedermos.

Sócrates - È que nunca ouviste falar em certos inimigos de nosso Filebo.

Protarco - A quem te referes?

Sócrates - Gente muito entendida nos problemas da natureza, e que negam em absoluto a existência do prazer.

Protarco - Como assim?

Sócrates - O que eles dizem, é que tudo o que Filebo e seus adeptos denominam prazer consiste apenas em escapar das dores.

Protarco - E que nos aconselhas, Sócrates: acompanhá-los? Ou como te parece?

Sócrates - Em absoluto; mas valermo-nos deles como de profetas que não vaticinam com a ajuda da arte porém de certa rabugem incômoda, não inteiramente destituída de nobreza, e que odeiam o poder do prazer, por nada de são reconhecerem nele, considerando feitiço, não prazer, sua influência sedutora. É com esse espírito que precisas utilizá-los, depois de sopesar devidamente outras manifestações de seu azedume. De seguida, ficarás sabendo o que na minha opinião constitui o verdadeiro prazer; e só depois de estudar sob esses dois aspectos é que emitiríamos parecer definitivo.

Protarco - Falaste com muito acerto.

Sócrates - Como aliados, então, sigamos no rastro do humor rabugento desses tais. Penso que eles começariam de longe e nos diriam mais ou menos o seguinte: Se quiséssemos conhecer a natureza de alguma espécie, por exemplo, a da dureza, não aprenderíamos melhor se olhássemos para os objetos mais duros, em vez de considerar os que o são em grau algum tanto reduzido? Agora, Protarco, assim como respondes a minhas perguntas, terás de fazer com a dessa gente mal- humorada.

Protarco - Perfeitamente, e lhes direi que devemos estudar primeiro os objetos grandes.

Sócrates - Sendo assim, se quisermos considerar o gênero do prazer e rastrear sua natureza, não devemos lançar a vista para os que são tidos na conta de mais frequentes, mas para os chamados profundos e veementes.

Protarco - Não há quem não concorde contigo neste particular.

Sócrates - Ora, os prazeres mais acessíveis e que sempre passaram por nos proporcionar maior gozo, não nos são dados por intermédio do corpo?

Protarco - Como não?

Sócrates - E serão ou ficarão maiores nas pessoas doentes ou nos são? É preciso cuidado para não nos apressarmos em responder e tropeçar; talvez fosse mais fácil dizer: nos indivíduos sãos.

Protarco - É provável.

Sócrates - E então? Os maiores prazeres não são os que decorrem dos mais violentos desejos?

Protarco - Isso também é verdade.

Sócrates - Mas os doentes de febre ou de incômodos semelhantes não sentem com mais intensidade a sede e o frio e tudo o que os atinge por intermédio do corpo, passando maiores necessidades e, consequentemente, experimentando maior prazer quando conseguem satisfazê- las? Ou diremos que isso não seja verdade?

Protarco - Depois de tua exposição, é mais do que evidente.

Sócrates - E agora: não será certo dizer-se que se alguém quiser conhecer os prazeres mais intensos não deverá lançar as vistas para a saúde, mas para a doença? Aliás, não irás imaginar que com semelhante pergunta eu defenda a tese de que os doentes graves sentem mais prazer do que as pessoas sãs. O que precisarás entender é que minha pesquisa diz respeito à intensidade do prazer e à sede em que se manifesta em cada um de nós. Importa- nos conhecer sua natureza e decidir o que querem significar os que negam a existência do prazer.

Protarco - Acompanho muito bem tua exposição.

Sócrates - É o que irás demonstrar, Protarco, agora mesmo. Responde ao seguinte: acaso percebes maiores prazeres - não me refiro ao seu número, mas à vivacidade e à intensidade - no desregramento do que na temperança? Reflete antes de responder.

Protarco - Percebo aonde queres chegar e noto que há grande diferença. Os indivíduos moderados a todo instante são contidos pelo aforismo Nada em excesso, a que obedecem integralmente, enquanto os insensatos e os arrogantes se entregam aos prazeres até à loucura e a mais abjeta desmoralização.

Sócrates - Ótimo. Mas, se for assim, é mais do que claro que é num certo

estado de depravação da alma e do corpo, não na virtude, que vamos encontrar os maiores prazeres e as maiores dores.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - Dentre esses, então, precisaremos escolher alguns e descobrira razão de os termos considerado como maiores.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Então, examina os prazeres de certos estados mórbidos e dize como se comportam.

Protarco - Quais são?

Sócrates - Os das doenças repugnantes, tão odiadas daqueles tipos de humor azedo a que nos referimos há pouco.

Protarco - Quais são?

Sócrates - Seria o caso da cura da sarna e de outros estados parecidos, por meio da fricção, sem o recurso de medicamentos. Pelos deuses! Que nome daremos à sensação que experimentamos em tais ocasiões? Dor ou prazer?

Protarco - Um mal de natureza mista, Sócrates, é o que eu diria.

Sócrates - Não foi como vistas a Filebo que eu apresentei esse argumento,; mas sem o estudo, Protarco, de tais prazeres, e dos outros que se lhes relacionam dificilmente chegaremos a resolver a questão apresentada.

Protarco - Então, prossigamos no exame de toda a sua parentela.

Sócrates - Falas dos de natureza mista?

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - Algumas dessas misturas se referem a o corpo e nele se processam, outras, apenas à alma e nela mesma; mas também é certo encontrarmos misturas de dores e de prazeres que ocorrem no corpo juntamente com a alma, constituição compósita que ora designamos pelo nome de dor, ora pelo de prazer.

Protarco - Como assim?

Sócrates - Sempre que no relacionamento ou na alteração da saúde alguém experimenta ao mesmo tempo duas sensações opostas, quando, por exemplo, está com frio e se aquece, ou o contrário disso: ao sentir calor procura refrescar-

se, empenhando-se, segundo penso, em alcançar uma dessas sensações e livrar-se da outra, nesse estado doce-amargo, como se diz, associado à dificuldade de expulsar o amargo, acabará ficando irritada e preso de uma excitação selvagem.

Protarco - Tudo o que disseste é muito procedente.

Sócrates - E não é um fato que em semelhante mistura ora se encontram partes iguais de dores e prazeres, ora predomina um desses elementos?

Protarco - Nada o impede.

Sócrates - Digo, então, que nos casos em que há mais dores do que prazer - e como exemplo tomemos a sarna, mencionada há pouco, ou as comichões - sempre que o ponto quente está no interior, sem poder ser atingido pela fricção ou pelos arranhões, só se dissolvendo o que se encontra à flor da pele, ora por meio de aplicação de fogo, ora do seu contrário, o frio, por vezes, em falta de uma orientação segura consegue-se um prazer indizível, mas também, não raramente, o contrário disso, nas camadas internas em relação com a de fora, misto de prazer e de dor, para o lado em que baixar o prato da balança, seja por separarmos o que está unido, seja por unirmos o que está separado: de todo jeito, associamos dores e prazeres.

Protarco - É muito certo.

Sócrates - E não é também certo que quando prevalece em semelhantes misturas o sentimento de prazer, a dor aí presente em dose mínima produz coceira e atenuada irritação, ao passo que a difusão mais intensa de prazeres deixa o paciente excitado e a ponto de dar saltos de alegria, levando- o a mudar de cor a cada instante, a comportar-se de mil modos com as mais variadas disposições e, inteiramente fora de si, a gritar como um louco?

Protarco - Isso mesmo.

Sócrates - E chega a ponto, companheiro, de obrigá-lo a dizer, e aos outros, que ele morre de tanto prazer; e quanto mais inepto e depravado ele for, mais se entrega a essa espécie de prazer, tido por ele na conta de deleite supremo, considerando-se a pessoa mais feliz quem mais dele se gozar a vida inteira.

Protarco - Expuseste, Sócrates, admiravelmente bem a maneira de pensar da maioria dos homens.

Sócrates - Sim, Protarco; no que diz respeito aos prazeres, em que se confundem apenas as excitações comuns do corpo, interiores e externas. Porém nas em que a alma se afirma em oposição ao corpo, contrapondo dor a prazeres, e prazer a dores, do que resulta uma mistura uniforme, observamos que há pouco que quando alguém está vazio, deseja ficar cheio, alegra-se com essa esperança e sofre com aquela falta. Naquela ocasião, não fundamentamos nossa assertiva,;

mas agora, declaramos que em todos esses casos - e serão muitos - em que a alma se opõe ao corpo, ocorre uma mistura singular de dor e prazer.

Protarco - É possível que tenhas razão nesse ponto.

XXIX - Sócrates - Ainda falta uma mistura de dor e prazer.

Protarco - A que mistura te referes?

Sócrates - A que dissemos que a alma, por vezes, sente- se sozinha em si mesma.

Protarco - E como diremos que seja?

Sócrates - Cólera, temor, desejo, tristezas, amor, emulação, inveja e tudo o mais do mesmo gênero: não incluis tudo isso entre as paixões exclusivamente da alma?

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - E não a encontramos misturadas com os mais inefáveis prazeres? Ou precisaremos lembrar-nos da cólera "que os próprios homens irrita e, mais suave que mel quando escorre dos favos repletos no peito do homem se expande", ou dos prazeres que se misturam com as dores nas lamentações e nos luto?

Protarco - Não; é assim mesmo que tudo se passa; não pode ser de outra maneira.

Sócrates - E das representações trágicas, em que os espectadores choram no maior deleite, não te recordas?

Protarco - Como não?

Sócrates - E nosso estado de alma nas comédias? Não sabes que também aí ocorre um misto de prazeres e de dores?

Protarco - Não apanho muito bem esse aspecto da questão.

Sócrates - Em verdade, Protarco, não é muito fácil explicar o que se passa conosco em tais ocasiões.

Protarco - Pelo menos, é assim que eu penso.

Sócrates - Então, examinemos esse caso, por isso mesmo que é o mais obscuro, para apanharmos facilmente nos outros essa mistura de prazer e de dor.

Protarco - Podes falar.

Sócrates - Há pouco referimo-nos à inveja. Admites que se trata duma dor da alma, ou como te parece?

Protarco - Isso mesmo.

Sócrates - Mas a verdade é que o invejoso se nos revela contente com a desgraça do próximo.

Protarco - Muito!

Sócrates - Como também é mal a ignorância e o que denominamos estupidez.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Depois desses preliminares, procura conhecer a natureza do ridículo.

Protarco - Podes falar.

Sócrates - Em resumo, é uma espécie de vício que tira o nome de uma hábito particular, a parte do vício em geral que se opõe radicalmente àquilo da inscrição de Delfos.

Protarco - Referes-te, Sócrates, ao preceito Conhece-te a ti mesmo?

Sócrates - Exato. Como, ao pé da letra, o contrário disso viria a ser não conhecer-se em absoluto.

Protarco - Como não?

Sócrates - E agora, Protarco, experimenta dividir isso em três.

Protarco - De que jeito? Não me sinto à altura de semelhante tarefa.

Sócrates - Insinuas que é a mim é que compete resolver a questão?

Protarco - Não insinuo, apenas; peço instantemente que te incumbas dessa parte.

Sócrates - Quem não se conhece não fica sujeito a três modalidades de ignorância?

Protarco - Como assim?

Sócrates - Em primeiro lugar, quanto à riqueza, por imaginar-se mais rico do que é.

Protarco - Com muita gente acontece isso mesmo.

Sócrates - Como há também os que se julgam maiores e mais belos do que são, e em tudo o que se refere ao corpo vão sempre muito além da realidade.

Protarco - Exato.

Sócrates - Porém em muito maior número quero crer, são os que se iludem com respeito à terceira modalidade de ignorância, referente aos bens da alma, por acharem que se distinguem mais do que os outros pela virtude, quando, em verdade, tal não acontece.

Protarco - É muito certo.

Sócrates - E dentre as virtudes, não é a respeito da sabedoria que o vulgo se considera mais entendido, enchendo-se, com isso, de querelas e da fantastiquice de falsos conhecimentos?

Protarco - Nem pode ser de outra maneira.

Sócrates - Quem disser que é um mal semelhante estado d'alma, tê-lo-á definido com acerto.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - E agora, Protarco, precisamos dividir isso em dois, se quisermos ver a inveja pueril e essa estranha mistura de dor e prazer. E como dividir? Talvez perguntes. Todas as pessoas que concebem totalmente essa opinião falsa a seu próprio respeito, devem ser necessariamente dotadas, como o resto dos homens, ou de força ou de poderio ou, conforme penso, de seus contrários;

Protarco - Nem pode ser de outra maneira.

Sócrates - Divide, então, de acordo com esse critério; e esses tais, os naturalmente fracos e incapazes de defender-se quando se tornam objeto de mofa, se os qualificares de ridículos, só terás falado a verdade. Os capazes de vingar-se, se os chamares de fortes e temíveis como inimigos, terás dado a todos eles a designação apropriada, porque a ignorância nos poderosos é hostil e torpe, por ser nociva ao próximo, ou por si mesma ou por suas imitações, mas nas pessoas fracas ela se inclui naturalmente na classe das coisas ridículas.

Protarco - Tudo isso está certo: mas o que eu penso ainda não distingo muito bem é a tal mistura de prazeres e de dores.

Sócrates - Examina em primeiro lugar a natureza da inveja.

Protarco - Basta que ma expliques.

Sócrates - Não há dores e prazeres injustos?

Protarco - De toda necessidade.

Sócrates - Como não será manifestação de inveja nem de injustiça alegrar-se um com as desgraças do inimigo.

Protarco - Como o poderia?

Sócrates - E na presença de algum infortúnio de pessoa amiga, não é sumamente injusto alegrar-se, em vez de entristecer-se?

Protarco - Como não?

Sócrates - E quanto à falsa opinião de nossos amigos a respeito de sal sabedoria ou da beleza e de tudo o mais que enumeramos há pouco e distribuímos em três classes, não declaramos serem sempre ridículas quando são fracas, ou odiosas quando associadas à força? Ou já não sustentaremos o que eu disse há pouco, que esse estado de espírito de nossos amigos, quando não chega a prejudicar o próximo é simplesmente irrisório?

Protarco - Irrisório, sem dúvida.

Sócrates - E não diremos que é um mal, por isso mesmo que não passa de ignorância?

Protarco - Certo.

Sócrates - E quando rimos, alegramo-nos ou sofremos?

Protarco - É evidente que nos alegramos.

Sócrates - É alegrar-se com a desgraça do amigo, já não concluímos que é produto da inveja?

Protarco - Forçosamente.

Sócrates - Logo, sempre que rimos do ridículo dos amigos, diz nosso argumento que ao misturarmos o prazer com a inveja, misturamos prazer com dor, pois há muito já admitimos que a inveja é dor da alma, e o riso, prazer, vindo ambos a reunir-se na presente conjuntura.

Protarco - É muito certo.

Sócrates - Mostra-nos, ainda, o argumento, que nas lamentações, nas tragédias e nas comédias, e não apenas no teatro como também na comédia e na tragédia da vida humana e em mil coisas mais, os prazeres e as dores andam sempre associados.

Protarco- Não vejo, Sócrates, como se possa dissentir de tudo o que afirmaste, ainda que se fizesse muito empenho em defender opinião contrária.

XXX - Sócrates - A cólera, o desejo, as lamentações, o medo, o amor, o ciúme, a inveja e mil outra emoções semelhantes foi o que nos propusemos estudar, com a intenção de pesquisar nelas a mistura dos dois elementos tantas vezes mencionadas, não é isso mesmo?

Protarco - Exato.

Sócrates - Como verificamos que as lamentações, a inveja e a cólera constituíram o objetivo exclusivo destas considerações.

Protarco - Como não verificar?

Sócrates - Sendo assim, ainda nos falta estudar muitas outras paixões.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Na tua opinião, qual foi o principal motivo que me levou a mostrar-te essa mistura na comédia? Não terá sido para convencer- te de que é fácil apontar igual mistura no medo, no amor, e em tudo o mais? Uma vez que me aceitasses esse ponto, dispensar- me- ias de alongar minha exposição com o estudo das outras paixões, e passarias a admitir, sem mais rodeios, isto mesmo, a saber, que o corpo sem a alma e a alma sem o corpo, e os dois associados, são passíveis das mais variadas misturas de prazeres e de penas. Declara agora se me desobrigas dessa explicação, ou se estás disposto a aguardar aqui a meia-noite? Contudo, espero que com mais algumas palavrinhas alcance de tua parte licença par retirar-me. Prometo apresentar-te amanhã uma relação completa de todos esses casos. Agora, só desejo velejar em linha reta para o que ainda falta estudar, até poder formular o juízo que Filebo espera de mim.

Protarco - Falaste muito bem, Sócrates; arremata o que falta como bem te parecer.

XXI - Sócrates - Seguindo a ordem natural, depois dos prazeres mistos, certa necessidade nos leva a estudar os prazeres se mistura.

Protarco - Muito bem dito.

Sócrates - Voltar-me-ei, então, para estes, com o propósito de no-los apresentar. Pois não participo, em absoluto, da opinião dos que afirma que todo prazer nada mais é que ausência de dor. Conforme declarei, invoco o testemunho deles mesmos, em como há prazeres que parecem reais, mas que de forma alguma existem, enquanto muitos outros nos parecem grandes, porém de fato não passam de certa mistura de sofrimento e cessação de dores, nas mais violentas crises do corpo e da alma.

Protarco - E que prazeres, Sócrates, terá de aceitar como reais quem estudar como deve essa questão?

Sócrates - Os que se relacionam como as belas cores e as formas e a maioria dos odores e dos sons, e todas as coisas cuja privação não é sensível nem dolorosa, mas de fruição agradável e estreme de qualquer sofrimento.

Protarco - Como devemos entender tudo isso, Sócrates?

Sócrates - Reconheço que assim, de início, meu pensamento não é fácil de entender; mas tentarei explicar- me melhor. Quando falo em beleza das formas, não pretendo sugerir o que a maioria das pessoas entende por essa palavra: animais ou certas pinturas. Refiro-me - é o que declara nosso argumento - à linha reta, ao círculo, e às figuras planas e sólidas formadas de linhas e círculos, ou seja no torno ou com réguas e esquadros, se é que me compreendes. O que eu digo, é que essas figuras não são belas como as demais, em relação a outra coisa, mas são sempre belas naturalmente e por si mesmas e nos proporcionam prazeres específicos, que nada têm de comum com o prazer provocado pelo ato de coçar. Outrossim, são belas as cores e nos proporcionam prazeres da mesma natureza. Compreendemos, afinal, ou como será?

Protarco - De meu lado, esforço-me por entender, Sócrates; mas procura também explicar- te com mais clareza.

Sócrates - Digo, pois, que os sons suaves e claros sempre que formam uma melodia pura são belos por si mesmos, não relativamente a qualquer outra coisa, tal como o prazer que nos enseja sua própria natureza.

Protarco - Há, realmente, prazeres desse tipo.

Sócrates - O prazer dos odores é de um gênero menos divino que os precedentes; mas, por não serem necessariamente associados a nenhum sofrimento, onde e quando se manifestem, classifico- os, em tese, ao lado dos primeiros, para concluir, se é que me faço compreender, que há duas espécies de prazer.

Protarco - Compreendi.

Sócrates - E o seguinte: quando alguém está cheio de conhecimentos e ulteriormente os perde, por havê-los esquecido, percebes alguma dor em semelhante fato?

Protarco - Não, pelo menos por sua natureza; mas, ao refletir sobre o caso, alguém poderá aborrecer-se com essa perda d conhecimento.

Sócrates - Mas, caro amigo, presentemente só nos ocupamos com a natureza desses estados, sem levar em consideração o que possamos pensar a seu respeito.

Protarco - Então, estás certo quando dizes que não é absolutamente dolorosa a perda, por esquecimento, do que aprendêramos antes.

Sócrates - Consequentemente, teremos de concluir que os prazeres do conhecimento são isentos de dor, sobre não serem acessíveis à maioria dos homens, mas a muito pouca gente.

Protarco - É a conclusão que se impõe.

XXXII- Sócrates - Depois de separar satisfatoriamente os prazeres puros dos que, com toda a justiça, poderíamos denominar impuros, acrescentemos em nossa explicação que os prazeres violentos são imoderados, e os não-violentos, equilibrados em tudo; e também que os grandes e fortes, ou sejam de manifestações espaçadas e frequentes, se incluem no gênero do infinito, com ação mais ou menos intensa no corpo ou na alma, enquanto os outros pertencem à classe do finito.

Protarco - É muito certo o que dizes, Sócrates.

Sócrates - A respeito de prazeres, ainda falta considerar uma questão.

Protarco - Qual?

Sócrates - O que diremos que está mais próximo da verdade: o puro e se mistura, ou o violento, múltiplo, grande e suficiente?

Protarco - Onde queres chegar, Sócrates, como essa pergunta?

Sócrates - É que não quero esquecer-me de nada, Protarco, neste exame do prazer e do conhecimento, para sabermos o que há de puro ou de impuro em qualquer deles, a fim de que ambos se apresentem puros ante nosso juízo, facilitando, assim, o julgamento, a mim e a ti e a todos os presentes.

Protarco - É justo.

Sócrates - E agora, procedamos da seguinte maneira com tudo o que denominamos gênero puro: escolhamos um, para melhor examiná-lo.

Protarco - E qual escolheremos?

Sócrates - Caso queiras, principiemos pelo gênero da brancura.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - Como é e em que consiste a pureza da brancura? Na grandeza,? Na quantidade? Ou no que é isento de qualquer mistura e não revela a presença da menor parcela de outra cor?

Protarco - Evidentemente, a que não tem mistura alguma.

Sócrates - Muito bem. Então, Protarco, afirmaremos que esse branco puro é mais branco e também mais belo e verdadeiro do que bastante branco misturado, só falaremos verdade?

Protarco -Sem dúvida nenhuma.

Sócrates - E então? Não temos necessidade de muitos exemplos para ilustrar nossa análise do prazer; basta-nos compreender que todo prazer estreme de dor, por menor e mais raro que seja, é mais agradável, belo e verdadeiro do que os frequentes e grande.

Protarco - É certo; basta esse exemplo.

Sócrates - E o seguinte? Já não ouvimos dizer que o prazer está sempre em formação, sem que nunca se possa considerar como existente? Há uns tipos habilidosos que pretendem demonstrar-nos essa teoria, aos quais nos confessamos agradecidos.

Protarco - Como assim?

Sócrates - É o que passarei a explicar-te, amigo Protarco, por meio de questões.

Protarco - Podes falar, e pergunta o que entenderes.

XXXIII - Sócrates - Há duas espécies de coisas: a que existe por si mesma e a que sempre deseja outra.

Protarco - De que jeito e que coisas são essas?

Sócrates - Uma é de natureza nobre; a outra lhe é inferior.

Protarco - Sê mais claro.

Sócrates - Já vimos belos e excelentes jovens e também seus valorosos apaixonados.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Procura duas coisas que se assemelhem a estas em tudo o que reconhecemos nelas.

Protarco - Precisarei dizer pela terceira vez: sê mais claro, Sócrates, no que falas?

Sócrates - Não há charada alguma, Protarco; é brincadeira do discurso. O

que ele diz é que uma dessas coisas só existe por amor de outra, e que esta outra é precisamente aquela em vista da qual sempre se faz o que se faz em vista de qualquer coisa.

Protarco - Compreendi mais ou menos, à custa de tanto repetires.

Sócrates - Talvez, menino, compreendas melhor com o decorrer da exposição.

Protarco - É possível.

Sócrates - Agora tomemos mais estas duas.

Protarco - Quais serão?

Sócrates - Uma coisa é a geração de tudo, e outra essência?

Protarco - Admito ambas: a essência e a geração.

Sócrates - Muito bem. E qual delas diremos que foi feita em vista da outra: a geração, em vista da essência, ou a essência, em vista da geração?

Protarco - Perguntas agora se o que se denomina essência é o que é em vista da geração?

Sócrates - Talvez.

Protarco - Pelos deuses! Semelhante pergunta não eqüivale a esta outra: Como te parece, Protarco: a construção de navios se faz em vista dos navios, ou é o navio que se faz em vista da construção? e outras mais do que o mesmo tipo?

Sócrates - Foi justamente o que eu disse, Protarco.

Protarco - E por que não respondes a ti mesmo, Sócrates?

Sócrates - Nada o impede. Mas convém que participes da discussão.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - O que afirmo é que os remédios, todos os instrumentos e todos os materiais são sempre aplicados em vista da geração, e que cada geração se faz em vista desta ou daquela essência, e a geração em geral, em vista da essência universal.

Protarco - Ficou bastante claro.

Sócrates - Nesse caso, se o prazer for, de algum modo, geração, necessariamente terá de sê-lo em vista de alguma essência.

Protarco - Como não?

Sócrates - Assim, a coisa em vista da qual se faz em vista de qualquer coisa pertence a classe do bem; mas o que é feito em vista de qualquer coisa, meu caro, devemos colocar numa classe diferente.

Protarco - Forçosamente.

Sócrates - Estando, pois, o prazer sujeito à geração, andaríamos certo se incluíssemos numa classe diferente da do bem?

Protarco - Certíssimo, sem dúvida.

Sócrates - Por isso, conforme o declarei ao desenvolver o presente argumento, a pessoa que nos advertiu de que o prazer está sujeito à geração e carece em absoluto de essência, faz jus a nosso reconhecimento; evidentemente, ela ridiculariza os que pretendem que o prazer seja algum bem.

Protarco - Exato.

Sócrates - Como não deixar de rir dos que só se comprazem com a geração?

Protarco - Como assim?

Sócrates - Aos que se libertam da fome ou da sede ou de outras necessidades da mesma natureza que a geração satisfaz, e que se alegram com essa geração, como se ela fosse prazer, além de afirmarem que não aceitariam viver, se não sentissem fome nem sede nem as outras necessidades desse tipo que formam seu séquito natural.

Protarco - Parece que é assim mesmo.

Sócrates - E não admitem todos que a geração é precisamente o contrário da destruição?

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Ora, quem eleger segundo esse critério, escolherá a destruição e a geração, não aquele terceiro modo de vida, estreme de prazer e de dor, que se caracteriza pela mais pura sabedoria.

Protarco - Ao que parece, Sócrates, é o maior dos absurdos acreditar que o prazer seja algum bem.

Sócrates - Sim, o maior, conforme o prova mais o seguinte argumento.

Protarco - De que jeito?

Sócrates - Como não há de ser absurdo, se não podendo haver nada belo nem bom no corpo nem em muitas coisas mais, a não ser na alma, afirmar alguém que o único bem da alma, afirmar alguém que é o único bem da alma é o prazer, e que a coragem, a temperança e a sabedoria e todos os outros bens que a alma recebeu por sorte não são bens de maneira nenhuma? E mais: ver-se forçado a admitir que quem sente dor em vez de prazer á mau no momento em que sofre, ainda mesmo que se trate do melhor dos homens; e o contrário disso: o indivíduo que sente prazer, será tanto mais superior em virtude, quando mais intenso for esse sentimento, no próprio instante em que se manifesta.

Protarco - Tudo isso, Sócrates, é o cúmulo do absurdo.

XXXIV - Sócrates - Todavia, depois de havermos submetido o prazer a um exame completo, não convém dar a impressão de termos sido condescendentes com a inteligência e o conhecimento. Percutamo-los com energia por todos os lados, para ver se apresentam racha nalgum ponto, até relevarmos o que há de mais puro em sua natureza, de que nos utilizaremos juntamente com o que houver de mais verdadeiro neles e no prazer, para emitirmos sobre todos nosso juízo definitivo.

Protarco - Certo.

Sócrates - Para nós, o conhecimento se divide em duas classes: a das artes mecãnicas e a que entende com a educação e a cultura. Como te parece?

Protarco - Isso mesmo.

Sócrates - De início, decidamos se nas artes mecânicas uma parte não depende mais do conhecimento, e outra menos, para considerar mais pura a primeira e menos pura a Segunda.

Protarco - É o que precisamos fazer.

Sócrates - E não convirá separar das demais as artes diretoras?

Protarco - Que artes, e de que jeito o faremos?

Sócrates - Por exemplo: se separamos das outras as artes de contar, medir e pesar, tudo o que sobrar disso, a bem dizer, não terá grande valor.

Protarco - Nenhum.

Sócrates - Depois, só resta recorrer a conjecturas e exercitar os sentidos por meio da experiência e da rotina, com o recurso, ainda, de certa faculdade divinatória, que muitos denominam arte e que se aperfeiçoa com o trabalho e o exercício.

Protarco - Nem pode ser de outra maneira.

Sócrates - Para comemorar, não estará a música cheia desse empirismo, por isso mesmo que não regula seus acordes pela medida, mas por conjecturas habilidosas, como se dá com a auletrística e a arte de pulsar as cordas dos instrumentos musicais, a qual decide por tateios a medida certa de cada corda, tornando-se assim, cheia de obscuridade, e com parte mínima de certeza?

Protarco - Nada mais verdadeiro.

Sócrates - A mesma coisa vamos encontrar na medicina, na agricultura e nas artes do piloto e do estratego.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - A arquitetura, me parece, com o recurso fácil das medidas e dos instrumentos que lhe asseguram alto grau de precisão, pode ser considerada como a mais científica das artes.

Protarco - De que jeito?

Sócrates - Tanto na construção de navios como na de casas e nos demais trabalhos com madeira. Emprega, segundo creio, régua, tomo, compasso, cordel e um instrumento engenhoso para dirigir a madeira.

Protarco - Há muita verdade, Sócrates, em tudo o que disseste.

Sócrates - Dividamos, então, em duas classes as denominadas artes: as que acompanham a música e não alcançam muita precisão em suas obras, e as do grupo da arquitetônica, muito mais exatas.

Protarco - Vá que seja.

Sócrates - Digamos, ainda, que dentre estas as mais exatas são as que mencionamos há pouco.

Protarco - Quer parecer-me que te referes à aritmética e demais artes que há momentos mencionaste juntamente com ela.

Sócrates - Perfeitamente. Mas não nos será lícito, Protarco, afirmar que estas também se dividem em duas classes? Ou como será?

Protarco - A que classes te referes?

Sócrates - Para começar pela aritmética não será certo dizer que há uma aritmética popular e outra filosófica?

Protarco - E de que modo distingui-Ias, para classificar uma de certo jeito e dizer que a outra é diferente?

Sócrates - Não é pequena, Protarco, a diferença. Alguns incluem no mesmo cálculo unidades numéricas desiguais tais como: dois exércitos, dois bois, duas coisas pequeníssimas e duas muito grandes, enquanto outros se recusam a acompanha-los se não se admitirmos que no número infinito de unidades uma não difere da outra.

Protarco - Tens razão em dizer que há grande diferença entre os que se ocupam com números, sendo lógico por isso, dividi-los em duas classes.

Sócrates - E então? A arte de calcular e a de medir, na arquitetura e no comércio, e, do outro lado, a geometria e o cálculo para uso dos filósofos: diremos que constituem apenas uma arte, ou duas?

Protarco - Para não sair do que afirmamos antes, sou de parecer que são duas.

Sócrates - Muito bem. Mas agora por que trouxe à baila semelhante argumento? Saberás dizer?

Protarco - Talvez; mas preferia que tu mesmo esclarecesses esse ponto.

Sócrates - O que me parece, agora não menos do que no começo da exposição, é que nosso argumento procura um paralelo com os prazeres, que consistirá em sabermos se algum conhecimento é mais puro do que outro, tal como se observa com os diferentes prazeres.

Protarco - Evidentemente, o excurso não teve outra intenção.

XXXV - Sócrates - Ora bem; ele não demonstrou, com o que ficou dito atrás, que as arte variam conforme os objetos, que há artes mais claras e artes mais obscuras?

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - E não aconteceu designar determinada arte por um nome único, na convicção de que era una, para depois falar de duas artes diferentes, a fim de saber se o que há de preciso e puro em cada uma se encontra em grau mais elevado entre os que se dedicam à filosofia ou entre os leigos nessa disciplina?

Protarco - É isso, precisamente, o que se pergunta.

Sócrates - E que resposta, Protarco, daremos à questão?

Protarco - Já atingimos, Sócrates, um ponto em que é enorme a diferença em

matéria de precisão dos conhecimentos.

Sócrates - Então, a resposta é muito fácil.

Protarco - Facílima; diremos, pois, que é grande a diferença entre as artes a que nos referimos e as demais, e que entre elas, também, as que são animadas de verdadeiro impulso filosófico ultrapassam, de muito, em precisão e verdade, as que se preocupam com números e medida.

Sócrates - Vá que seja conforme dizes; amparados em tua autoridade, responderemos com a afoiteza a esses mestres de discussões infindáveis.

Protarco - Quê?

Sócrates - Que há duas aritméticas duas artes de medir, e muitas e muitas outras dependentes dessas, todas elas dupla natureza, conquanto sejam designadas em comum apenas por um nome.

Protarco - Então, sejamos felizes, Sócrates, em nossa resposta aos homens que nos apresentaste como tão habilidosos.

Sócrates - Diremos, pois, que estes conhecimentos são os mais exatos?

Protarco - Isso mesmo.

Sócrates - Mas a facilidade dialética, Protarco, protestará, se não lhe dermos a preferência.

Protarco - E como deveremos interpretar essa faculdade?

Sócrates - Não há quem não compreenda o que eu quero dizer. Pois tenho certeza de que, por menos dotado de inteligência que alguém seja, aceitará que o conhecimento mais verdadeiro é o que se ocupa com o ser, a realidade e o que por natureza é sempre igual a si mesmo. E tu, Protarco, como o classificarias.

Protarco - Eu, Sócrates, do meu lado, ouvi muitas vezes Górgias declarar que a arte de persuadir ultrapassa, de muito, em importância, as demais artes, pois que tudo se lhe submete, não por violência, mas de bom grado, por ser ela a melhor das artes. Daí, não desejar opor- me, agora, nem a ti nem a ele.

Sócrates - O que me parece é que tens acanhamento de dizer que depuseste as armas.

Protarco - Interpreta o caso como melhor te parecer.

Sócrates - Porventura terei culpa de não me haveres compreendido?

Protarco - A respeito de quê?

Sócrates - Protarco, eu nunca procurei saber que arte ou conhecimento tem a primazia sobre as demais, quanto a grandeza, excelência e utilidade, mas qual é a que aspira à clareza e precisão e à suprema verdade, por modesta que seja e de reduzido emprego na prática. Foi isso que perguntamos. Quanto a Górgias, vê bem, não o magoarás em absoluto, se concordares com ele em que sua arte é mais importantes para os homens do que as outras, ao passo que o assunto com que presentemente nos ocupamos há pouco, da brancura, em que o branco, sendo puro, embora em quantidade mínima, ultrapassa de muito as grandes quantidades que não sejam puras, pelo próprio fato de ser mais verdadeiro - assim, também, no presente caso: depois de um exame acurado e de madura reflexão, sem olharmos para as supostas vantagens dos conhecimentos nem para sua forma, mas considerando apenas se temos na alma alguma faculdade naturalmente inclinada a amar a verdade e disposta a tudo fazer para alcançá-la, examinemos essa faculdade e digamos se é ela que verdadeiramente possui em mais alto grau a pureza da inteligência e do pensamento, ou se precisaremos procurar outra, de excelência comprovada.

Protarco - Já examinei, e acho dificílimo encontrar outra arte ou conhecimento que tanto se empenhe e pró da verdade como a dialética.

Sócrates - Só te manifestas desse modo, por haveres considerado que a maioria das artes e todos os que a elas se dedicam, recorrem, antes de tudo, à opinião e só se empenham no estudo do que depende da opinião, e depois, quando alguém se propõe a investigar a natureza, bem sabes que outra coisa não faz, a não ser estudar a vida inteira como nasceu este mundo e quais são os efeitos e as causas que nele ocorrem. Como te parece: afirmaremos isso mesmo?

Protarco - Exatamente como disseste.

Sócrates - Logo, todo o seu esforço não visa ao estudo do que existe sempre, mas ao das coisas que são ou virão a ser ou que se formaram.

Protarco - É muito certo.

Sócrates - E admitiremos que possa haver algo evidente, às luzes da mais rigorosa verdade, nas coisas que nunca se conservaram no mesmo estado nem se conservarão no futuro e muito menos se conservam no presente?

Protarco - Como fora possível?

Sócrates - De que maneira, então, adquirir conhecimento estável do que não participa em grau nenhum de estabilidade?

Protarco - Não há jeito.

Sócrates - Logo, nem a inteligência nem o conhecimento que se ocupa com essas coisas, jamais atingirão a verdade perfeita.

Protarco - Parece mesmo que não.

XXXVI - Sócrates - Sendo assim, mandemos passear tanto a ti como a mim e a Górgias e a Filebo, e invoquemos apenas o testemunho de nosso argumento.

Protarco - A respeito de quê?

Sócrates - É o seguinte: Que a fixidez, a pureza, a verdade e o que consideramos sem mistura só ocorrem nas coisas que sempre se conservam sem liga nem mudança, ou, pelo menos, nas que mais se aproximam delas, devendo todo o resto ser considerado secundário e inferior.

Protarco - É muito certo o que afirmaste.

Sócrates - E com referência aos nomes que teremos de aplicar a essas coisas, não é razoabilíssimo designar sempre as mais belas pelos nomes mais bonitos?

Protarco - É natural.

Sócrates - Ora, inteligência e sabedoria, não são as designações a que damos mais valor?

Protarco - Exato.

Sócrates - Assim, se as aplicarmos ao conhecimento do verdadeiro ser, será um emprego exatíssimo e justo?

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - Pois foi exatamente a esses nomes que eu recorri há pouco para formularmos nosso julgamento.

Protarco - Isso mesmo, Sócrates.

Sócrates - Muito bem Quanto à mistura de sabedoria e de prazer que teremos de aprontar, se alguém nos comparar a artesãos com seu material de trabalho para imediata utilização, não seria acertado paralelo?

Protarco - Muito?

Sócrates - E agora, não será conveniente tentar essa mistura?

Protarco - Como não?

Sócrates - Antes disso, o melhor seria enunciar e relembrar certa

particularidade.

Protarco - Qual?

Sócrates - Já tratamos desse ponto, mas é muito verdadeiro o provérbio que nos aconselha repetir duas ou três vezes o que nos aconselha repetir duas ou três vezes o que nos parece bem.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Então, prossigamos, por Zeus! Estou em que foi deste modo que nos exprimimos antes.

Protarco - Como assim?

Sócrates - Filebo sustenta que o prazer é a verdadeira meta para a qual devem esforçar-se todos os seres vivos, o bem supremo de todos, enquanto existirem, e que, a rigor, esses dois nomes, bom e agradável, se aplicam a uma só coisa da mesma natureza. Por sua vez, Sócrates nega que seja uma só coisa; tratando- se de nomes diferentes, o bom e o agradável se distinguem um do outro pela própria natureza, e que na constituição do bem a sabedoria contribui com maior contigente do que o prazer. Não foi isso mesmo, Protarco, que dissemos agora e antes?

Protarco - Exato.

Sócrates - E acerca do seguinte ponto, tanto antes como agora não nos declaramos de acordo?

Protarco - Que ponto?

Sócrates - Que nisto a natureza do bem difere de tudo o mais.

Protarco - Em quê?

Sócrates - O ser vivo que sempre possuísse em toda a parte e de todas as maneiras, de nada mais precisaria, e que o bem lhe seria suficiente para tudo. Não foi isso mesmo?

Protarco - Exato.

Sócrates - E já não tentamos antes, em nossa exposição, separar um do outro e colocá-los na vida dos indivíduos o prazer sem mistura de sabedoria, e a sabedoria, por sua vez, sem a menor partícula de prazer?

Protarco - Isso mesmo.

Sócrates - E porventura concluímos que cada um, de per si, nos satisfaz plenamente?

Protarco - Como fora possível?

XXXVII - Sócrates - Se nos desviamos algum tanto da verdade, quem quiser poderá reexaminar agora o assunto para corrigir o que estiver errado, reunindo numa só classe a memória, a sabedoria, o conhecimento e a opinião verdadeira, para decidir se alguém, privado de tudo isso, desejaria ter ou adquirir seja o que for, ainda que se tratasse do maior e mais intenso prazer, se não formasse opinião verdadeira de sua alegria naquele momento, nem tivesse o menor resquício de consciência do que sentia a cada instante, nem a mais tênue lembrança, ainda que passageira, do que lhe acontecera. Faça idênticas considerações a respeito da sabedoria e se pergunte se alguém desejaria possuí-la sem a menor dose de prazer ou, de preferência, com uns tantos prazeres de mistura, e também todos os prazeres sem sabedoria, em vez de um certo grau de sabedoria.

Protarco - Não há quem o desejasse, Sócrates; parece inútil insistir em tal pergunta.

Sócrates- Então, nenhum dos dois é o bem perfeito e desejável e universalmente aceito como tal.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Precisamos, pois, formar uma idéia clara do bem, ou, pelo menos, uma imagem aproximada, para saber, conforme declaramos há pouco, a quem conceder o segundo lugar.

Protarco - É muito justo.

Sócrates - Mas já encontramos um caminho que nos levará ao bem.

Protarco - Qual é?

Sócrates - Seria o caso de alguém andar à procura de uma pessoa, e obter, primeiro, a notícia exata de sua moradia: não constituiria isso um grande passo para achar que ele procurava?

Protarco - Como não?

Sócrates - Assim, também, nesse ponto nosso discurso nos indica, como já o fizera no começo, que não devemos procurar o bem na vida sem mistura, porém na mista.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - Há esperança, portanto, de que o que procuremos se achará mais facilmente na vida bem misturada do que na que o não for.

Protarco - Muito mais.

Sócrates - Então, Protarco, iniciemos nossa mistura com uma invocação aos deuses, ou seja Dioniso ou Hefeso ou qualquer outra divindade o incumbido de prepará-la.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - Como escanções, teremos duas fontes a nosso lado: com a doçura do mel pode ser comparada a fonte de prazeres, enquanto a da sabedoria, sóbria e nada inebriante, nos fornece uma água de gosto acre, porém saudável. Compete-nos, agora, preparar a mistura da melhor maneira possível.

Protarco - Sim, façamos isso mesmo.

Sócrates - Antes de mais nada, responde-me ao seguinte: se juntarmos a toda a sabedoria todas as espécies de prazer, não há bastante probabilidade de alcançarmos a mistura ideal?

Protarco - Talvez.

Sócrates - Mas não é muito seguro. Penso que me encontro em condições de apresentar um plano de mistura isento de qualquer perigo.

Protarco - Dize qual seja.

Sócrates - Já não encontramos prazeres que se nos afiguram mais verdadeiros do que os outros, e também artes mais exatas do que outras?

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - E mais: que havia um conhecimento superior a outro: um, dirigido para o que nasce e perece; outro, para o que nem nasce nem perece e é permanente e sempre igual a si mesmo. Considerando-os à luz da verdade, concluímos ser esse conhecimento mais verdadeiro do que o outro.

Protarco - Muitíssimo certo.

Sócrates - Sendo assim, se começássemos pela mistura das porções mais verdadeiras do prazer e do conhecimento, quem sabe essa mistura nos proporcionaria a vida mais desejável? Ou ainda teríamos a necessidade de outros ingredientes?

Protarco - A mim, pelo menos, parece que é assim que devemos proceder.

XXXVIII - Sócrates - Imaginemos um indivíduo inteligente, que saiba o que é a justiça em si mesma e forme um conceito razoável tanto a seu respeito como de tudo o mais.

Protarco - Já imaginei.

Sócrates - Disporá essa pessoa de conhecimento suficiente, se tiver a noção do círculo e da própria esfera celeste, mas desconhecer nossa esfera e nosso círculo humanos, muito embora na construção de casas e em atividades congêneres empregasse círculos e esferas?

Protarco - Fora supinamente ridícula, Sócrates, nossa situação, se só dispuséssemos do conhecimento divino.

Sócrates - Que me dizes? Teremos de lançar em nossa mistura a falsa régua e o falso círculo da arte pura nem estável?

Protarco - Será inevitável, se cada um de nós quiser encontrar o caminho de casa.

Sócrates - E quem sabe se também a música, a respeito da qual dissemos há pouco que era cheia de conjecturas e imitação e carecia de pureza?

Protarco - É o que me parece irretorquível, se quisermos que nossa vida seja vida de verdade.

Sócrates - Resolves, então, que eu ceda e abra de par em par a porta, à maneira de um porteiro comprimido e forçado pela multidão, e deixe entrar todos os conhecimentos, para que os impuros se misturem com os puros?

Protarco - Não percebo, Sócrates, que mal adviria do fato de aceitarmos todos os conhecimentos, uma vez que ficássemos com os de primeira qualidade.

Sócrates - Então, deixaremos que todos corram para a tão poética bacia de confluência de Homero?

Protarco- Perfeitamente.

XXXIX - Sócrates - Sendo assim, soltemo-los. E agora, voltemos para a fonte dos prazeres. Não nos foi possível, tal como tencionávamos fazer no começo, misturar primeiro as porções verdadeiras de cada uma das partes; dado o alto conceito em que temos os conhecimentos, deixamos que entrassem todos de uma vez, sem discriminação e antes dos prazeres.

Protarco - Só dizes a verdade.

Sócrates - Então chegou a hora de confabularmos acerca dos prazeres e

decidir se permitiremos entrada franca para todos, ou se no começo só aceitaremos os verdadeiros.

Protarco - É muito mais seguro deixar que entrem em primeiro lugar os verdadeiros.

Sócrates - Pois que entrem. E daí? Se houver prazeres necessários, como se dá com a outra classe, permitiremos que se misturem com os verdadeiros?

Protarco - Por que não? Quanto aos necessários, não há dúvida.

Sócrates - E assim como admitimos que para a vida era inócuo, e até útil, o conhecimento de todas as artes, digamos a mesma coisa dos prazeres: se só for vantagem e isento de qualquer perigo a vida inteira gozar de todos os prazeres, então permitamos que todos tomem parte de nossa mistura.

Protarco - Como nos manifestaremos a esse respeito e que decisão tomar?

Sócrates - Não é a nos, Protarco, que devemos dirigir semelhante pergunta, mas aos próprios prazeres e à sabedoria, sobre o que eles pensam da questão.

Protarco - Que questão?

Sócrates - Amigos - quer vos designemos pelo nome de prazeres, quer por outro - não aceitaríeis morar com a sabedoria, ou preferis viver à parte? Creio que, diante de tal intimação, forçosamente responderiam da seguinte maneira.

Protarco - Como será?

Sócrates - Tal como dissemos há pouco: Não é possível, nem disso adviria nenhuma vantagem, que qualquer gênero puro permaneça à parte e solitário. Se compararmos os gêneros entre si, de todos o melhor para nosso companheiro de casa é o que conhecer a todos e a nós outros por maneira tão perfeita quanto possível.

Protarco - Pois responderam muito bem, é o que lhes diríamos.

Sócrates - Ótimo. Depois disso, precisaremos interrogar a sabedoria e a inteligência. Necessitais de prazeres nessa mistura? é que perguntaríamos às duas. Que prazeres? Talvez nos replicassem.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - De seguida, prosseguiríamos nosso interrogatório da seguinte maneira: Além desses prazeres verdadeiros, lhes faláramos, aceitaríeis conviver com os maiores e mais violentos? De que jeito, Sócrates? é que decerto nos diriam, se não têm conta os empecilhos que nos aprestam, e se perturbam, de mil

modos, com suas loucuras, as almas em que moramos, impedem-nos o nascimento e, de regra, estragam, de todo em todo, nossos filhos, pela negligência e o esquecimento a que dão causa? Quanto aos prazeres verdadeiros e puros a que te referiste, podes considerá-los como de nossa família, aos quais juntarás os que vão de par com a saúde e a temperança, e também todos - e são em grande número - os que acompanham por toda a parte a virtude em geral, como se formassem o séquito de uma deusa. Jogo mais esse na mistura. Mas, os companheiros inseparáveis da insensatez e de outros vícios, associá-los à inteligência, quem assim procedesse daria prova de completa irreflexão, se depois de encontrar a mistura ou combinação mais bela e menos sujeita a sedições, tentasse experimentar qual seria o bem natural no homem e no todo universal, e que idéia fora possível fazer a seu respeito. Ante uma resposta nesses termos, não diríamos que a inteligência se expressara inteligentemente e com recursos próprios, tanto no seu interesse como no da memória e da opinião verdadeira?

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - Mas ainda há um ingrediente indispensável, sem o qual nada se poderá fazer.

Protarco - Qual é?

Sócrates - Se não incluirmos verdade na mistura, nada poderá nascer nem verdadeiramente subsistir.

Protarco - Como fora possível?

XL - Sócrates - Não há jeito. E agora, se ainda faltar alguma coisa para nossa mistura, tu e Filebo que se manifestem a meu parecer, o argumento já está completo, podendo ser comparado a uma espécie de ordem incorpórea que dirige admiravelmente bem um corpo animado.

Protarco - Ficas autorizado, Sócrates, a dizer que essa, também, é minha maneira de pensar.

Sócrates - E se declarássemos que nos encontramos agora no vestíbulo da casa do bem, teríamos falado com muita propriedade.

Protarco - É também o que eu penso

Sócrates - Qual diremos que seja o elemento mais precioso de nossa mistura, causa de tornar-se semelhante constituição desejada por todos? Depois de o descobrirmos, decidiremos se sua presença no todo universal tem mais afinidade natural e parentesco com o prazer ou com a inteligência.

Protarco - Certo; isso será de muita utilidade para nossa decisão.

Sócrates - Em qualquer mistura, não é difícil apontar a causa que a deixa excelente ou sem valor.

Protarco - Que queres dizer com isso?

Sócrates - Não há quem o não saiba.

Protarco - De que se trata?

Sócrates - É que, se em qualquer mistura faltar medida e proporção na natureza de seus componentes, fatalmente se arruinarão seus elementos e ela própria. Deixará de ser uma mistura regular, para transformar-se num amontoado heterogêneo, que será sempre um verdadeiro mal para seus possuidores.

Protarco - É muito certo.

Sócrates - Agora, tornou a escapar-nos a essência do bem, para asilar-se na natureza do belo. Pois é na medida e na proporção que sempre se encontra a beleza e a virtude.

Protarco - Perfeitamente.

Sócrates - Como também declaramos que a verdade entrava nessa mistura.

Protarco - Certo.

Sócrates - Assim, no caso não podermos apanhar o bem por meio de uma única idéia, recorramos a três: a da beleza, a da proporção e a da verdade, para declarar que todas elas reunidas, podem ser consideradas verdadeiramente como a causa única do que há na mistura, a qual passará a ser boa pelo fato de todas o serem.

Protarco - É muito justo.

XLI - Sócrates - E agora, não há quem não possa julgar com competência acerca do prazer e da sabedoria, para dizer-nos qual dos dois é parente mais chegado do soberano bem e mais estimado pelos homens e pelos deuses.

Protarco - Não há dúvida; mas o melhor será levarmos a discussão até o fim.

Sócrates - Então, consideremos em separado a aquelas três coisas, em relação com o prazer e a inteligência, para sabermos a qual dos dois atribuiremos cada uma delas, segundo o maior ou menor grau de parentesco.

Protarco - Referes-te à beleza, à verdade e à simetria?

Sócrates - Certo. Assim, Protarco, toma primeiro a verdade e, segurando-a fortemente, passa em revista a inteligência, a verdade e o prazer, e depois de os considerares com calma, responde a ti mesmo qual dos dois, o prazer ou a inteligência, apresenta mais afinidade com a verdade.

Protarco - Para que perdermos tempo? A meu ver, a diferença é enorme. Não há coisa mais fútil do que o prazer, já sendo voz corrente dos provérbios que nos prazeres do amor, considerados os maiores, o próprio perjuro encontra graça junto dos deuses, por serem os prazeres, à maneira de crianças, quase destituídos de inteligência. Porém a inteligência, se não for a mesma coisa que a verdade, é o que mais dela se aproxima.

Sócrates - Ao depois, faze a mesma coisa com a medida e declara qual participa dela em grau maior: o prazer ou a sabedoria.

Protarco - Esse novo problema também é fácil de resolver. A meu parecer, na natureza nada há tão imoderado como o prazer e as grandes alegrias, nem mais equilibrado do que a inteligência e o conhecimento.

Sócrates - Ótima conclusão. Vejamos agora o terceiro caso. Afirmaremos que a inteligência participa da beleza em grau maior do que o gênero do prazer, para que possamos considerá-la mais bela do que este, ou será o contrário disso?

Protarco - Porém ninguém, Sócrates, em nenhum tempo, nem em sonhos nem acordado, viu ou imaginou de algum jeito a inteligência ou a sabedoria como sendo ou tendo sido ou podendo tornar-se feia.

Sócrates - Certo.

Protarco - E o contrário disso: quando vemos alguém, seja quem for, entregar-se aos prazeres, sobretudo os maiores, e notamos o ridículo e a vergonha daí decorrentes, nós mesmos nos acanhamos e o escondemos quanto possível da vista dos outros, só confiando à noite deleites dessa natureza, como se a luz não devesse presenciá-los.

Sócrates - Então, Protarco, proclamarás a todos, por meio de mensageiros, ou de viva voz para os presentes, que o prazer não é o primeiro dos bens, nem mesmo o segundo, mas que o primeiro é a medida e o que for moderado e oportuno, e o mais a que possamos atribuir qualidades semelhantes concedidas pela natureza.

Protarco - É o que será lícito concluir do que dissemos antes.

Sócrates - O segundo bem é a proporção, o belo, o perfeito, o suficiente e tudo o que faz parte da mesma família.

Protarco - Pelo menos, assim parece.

Sócrates - E agora, sendo eu bom adivinho, se atribuíres o terceiro lugar à inteligência e à sabedoria, não te afastarás muito da verdade.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - E no quarto lugar, não poremos o que declaramos só pertencer à alma; os conhecimentos, as artes e as chamadas opiniões verdadeiras? Por virem depois da terceira classe, formam a quarta, dado que sejam, realmente, mais afins ao bem do que o prazer.

Protarco - É possível.

Sócrates - A Quinta classe abrange os prazeres que definimos como isentos de dor e denominamos prazeres puros da própria alma, acompanhantes dos conhecimentos ou das sensações.

Protarco - É possível.

Sócrates - E agora, como diz Orfeu,

Arrematai vosso canto sublime na sexta linhagem.

Parece que nosso discurso também chega ao fim no sexto julgamento. Só nos resta coroar tudo o que expusemos até aqui.

Protarco - É como devemos proceder.

XLII - Sócrates - Neste ponto façamos nossa terceira libação a Zeus salvador, com a recapitulação e o testemunho de nosso próprio discurso.

Protarco - Que discurso?

Sócrates - Filebo afirmou que o bem não era mais do que o prazer em todas as suas manifestações.

Protarco - Pelo que vejo, Sócrates, tua recente afirmativa equivale a dizer que precisamos recomeçar a discussão pela terceira vez.

Sócrates - Isso mesmo; mas escuta o que segue. Como tivesse presente tudo o que acabara de expor e me achasse desgostoso não apenas da doutrina de Filebo, como da de muitos outros, afirmei que a inteligência era um bem muito melhor e importante para a vida humana do que o prazer.

Protarco - Isso mesmo.

Sócrates - No entanto, por suspeitar que havia muitos outros bens, acrescentei que se chegássemos a encontrar algum melhor do que esses dois, bater-nos-

íamos pela conquista do segundo lugar, a favor da inteligência, com o que o prazer o perderia.

Protarco - Sim, afirmaste isso mesmo.

Sócrates - Depois, apresentamos provas mais do que satisfatórias de que nenhum dos dois era suficiente.

Protarco - Exatíssimo.

Sócrates - Assim, nosso discurso demonstrou à saciedade que não se justificava a pretensão do prazer nem da inteligência de serem o bem absoluto, visto carecerem ambos da autonomia e se revelarem insuficientes e imperfeitos.

Protarco - É muito justo.

Sócrates - Mas, havendo aparecido um terceiro competidor, de mais valia que ambos, a inteligência se nos revelou mil vezes mais próxima da essência do vencedor e com ela aparentada, do que o prazer.

Protarco - Sem dúvida.

Sócrates - Logo, de acordo com o julgamento de nosso discurso, só tocou o quinto lugar ao poder do prazer.

Protarco - Parece.

Sócrates - E de forma alguma o primeiro, ainda mesmo que todos os bois e os cavalos e todos os animais do mundo reclamassem para si, por só andarem todos eles empós do prazer. Os que confiam neles, como os adivinhos nos pássaros, ou seja, a maioria dos homens, acham que os prazeres são o que vida nos oferece de melhor, considerando testemunho de muito mais valor os instintos animais do que as razões divinas de muita musa filosófica.

Protarco - O que todos nós, Sócrates, declaramos é que demonstraste admiravelmente bem essa verdade.

Sócrates - Então, dispensai-me agora mesmo.

Protarco - Ainda falta uma coisinha de nada. Estou certo de que não vais cansar-te antes de nós; eu mesmo me incumbirei de lembrar-te esse restinho.